

P

A/Z

ISSN 1807-9873



Cadernos de Tradução

Número 28 - jan / jun - 2011

Cadernos de tradução (Porto Alegre) - 2011 n.º 28 jan/jun

LEDA RAFANELLI

LA SCUOLA
BORGHESE



Tênuas vozes femininas
Escritoras italianas do século XIX

Instituto de Letras - UFRGS



Cadernos de Tradução

Nº 28, jan/jun de 2011

Tênuas vozes femininas **Escritoras italianas do século XIX**

Organizadora
Florence Carboni

UFRGS
Biblioteca Setorial de Ciências Sociais e Humanidades

Instituto de Letras - UFRGS



INSTITUTO DE LETRAS - UFRGS

Diretora: Prof^ª. Jane Fraga Tutikian

Vice-Diretora: Prof^ª. Maria Lucia Machado de Lorenci

COMISSÃO EDITORIAL

Prof. Andrei Cunha

Prof^ª. Erica Schultz

Prof^ª. Heloísa Rosário

Organizador deste número:
Prof^ª. Florence Carboni

Imagem da Capa: Manipulação digital de imagem de Leda Rafanelli retirada do site <http://www.estelnegre.org/fotos/rafanelli01.jpg>

Capa e Editoração: Leandro Bierhals Bezerra - Núcleo de Editoração Eletrônica do Instituto de Letras

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Letras
Av. Bento Gonçalves, 9500 CEP 91540-000 Porto Alegre-RS
Fone: (051) 33166689 Fax: (051) 33167303
<http://www.ufrgs.br/iletras>

SUMÁRIO

Apresentação / 5

A fábrica: mãe e filha / 13
Bruno Sperani

Uma entre tantas / 23
Emma

Antes morrer / 29
Marchesa Colombi

Um sonho de amor / 37
Leda Rafanelli

O amanhã / 45
Neera

Número e sonhos / 51
Bruno Sperani

Dizer que na história da humanidade prevaleceu a dominação dos homens sobre as mulheres soa como um chavão, maçante e redundante. Isto porque esse predomínio, cujas consequências foram tão prejudiciais não apenas às mulheres mas ao avanço de toda a humanidade, tende a ser apresentado como dado adquirido, dimensão ordinária da vida, que segundo algumas teorias, na moda entre o final do séc. 19 e o começo do séc. 20, teria determinações naturais, ou seja, biológicas. A subordinação da mulher ao homem, apesar de ter se abrandado com o passar do tempo, sem porém ter sido resolvida, encontra-se ainda fortemente embutida no funcionamento de muitas línguas, funcionamento que uma certa Linguística chamou de estrutura, apresentada como arbitrária e neutra.

As consequências da supremacia do humano *macho* sobre a humana *fêmea* teve implicações multifacetadas, que vão desde a separação das atividades produtivas baseadas no sexo a possibilidades diferenciadas de participação nos diversos âmbitos das relações sociais, passando por uma desigualdade na representação e auto-representação das quais homens e mulheres foram objetos através do tempo. Até mesmo intelectuais progressistas tenderam e tendem a emitir juízes de valor depreciadores em relação às mulheres, atribuindo-lhes comumente qualidades masculinas quando elas se sobressaem. O admirável pensador Gordon Childe, ao abordar a produção da cerâmica no Neolítico e suas implicações no avanço da liberdade de criação do ser humano, atribui o atraso da imaginação criadora às mulheres que monopolizaram inicialmente aquela atividade, por serem elas “*naturalmente* reticentes para com as inovações radicais”¹ (o grifo é nosso).

¹ CHILDE, Gordon. *La naissance de la civilisation*. Genève: Gonthier, 1964. p. 91.

Entre as implicações da declarada superioridade do homem sobre a mulher, esteve, até muito recentemente, o difícil acesso desta última não apenas à palavra escrita, mas também a uma expressão verbal plena, complexa, com conhecimento de ampla gama de conteúdos referenciais e prática linguageira adaptada às mais diversas situações comunicacionais. O que não deixa de ser contraditório, uma vez que a transmissão da língua entre as gerações foi tradicionalmente papel das mulheres, prática registrada na maioria das línguas naturais com a expressão *língua materna* e seus equivalentes. Durante boa parte da história do mundo, a educação formal – mesmo na sua instância mais elementar de ensino-aprendizagem da escrita e da leitura – foi majoritariamente considerada supérflua para as mulheres. Por muito tempo, o fato delas não saberem ler e escrever foi até mesmo valorizado pelos homens.

No melhor dos casos, ao menos no mundo ocidental e na nossa era, a alfabetização era prevista apenas para as mulheres de *boa família*, e mesmo assim com fins moralistas e místicos. Para a península itálica, o cientista social italiano Attilio Bartoli Langeli, no seu *La scrittura dell'italiano*, cita² o *Reggimento e costumi di donna* [Regimento e costumes de mulher], escrito no início do século 14, segundo o qual a aprendizagem da escrita e da leitura deveria ajustar-se à situação social da mulher. Recomendava-se que as filhas de reis e imperadores soubessem ler e escrever, enquanto que, para as filhas de famílias nobres, isto era apenas aconselhado. Os fidalgos, cavaleiros, juizes e semelhantes teriam autoridade para decidir se suas filhas deveriam ou não saber as letras, mas aconselhava-se que essas habilidades fossem reservadas àquelas que quisessem ser freiras. Desaconselhava-se vivamente que os burgueses alfabetizassem suas filhas e era considerado altamente reprovável que homens *menores* – camponeses e semelhantes – o fizessem com suas filhas.

Desse modo, registros de escritos de mulheres são muito raros até mesmo para o período humanístico-renascentista, com sua nova concepção da vida fundada no ser humano, quando eram preconizadas mais liberdade e mais curiosidade intelectual, época de vastas realizações artísticas e culturais e de grande desenvolvimento da escrita em língua vulgar. E ainda em 1723, no início do século das Luzes, doutos reunidos na Universidade de Pádua, na Itália, discutiam a *difícil* questão do acesso das mulheres ao estudo das ciências e das artes nobres, que até então lhes era proibido.³

No melhor dos casos, as mulheres tiveram acesso muito restrito à escrita, no que se refere ao seu sentido prático e funcional, como ato de realizar signos gráficos para simples fins de comunicação, nos diversos âmbitos sociais. Muito mais restrita foi a escrita feminina enquanto expressão artística, como a Literatura.

2 BARTOLI LANGELI, Attilio. *La scrittura dell'italiano*. Milano: Il Mulino, 2000. p. 64.

3 Citado por MORANDINI, Giuliana. *La voce che è in lei. Antologia della narativa femminile italiana tra '800 e '900*. Milano: Bompiani, 1980. p. 9-10.

As antologias literárias são repletas de referências a mulheres enquanto musas ou heroínas, objetos dos sentimentos mais contraditórios, de homens, é claro. No imaginário coletivo italiano, há inúmeras figuras femininas, todas acopladas a um escritor ou artista: a Beatriz de Dante, a Laura de Petrarca, a Angélica do *Orlando Furioso* de Ariosto, a Mirandolina de Goldoni, a Sílvia de Leopardi [que já fora de Torquato Tasso], a Lucia do *I promessi sposi* de Manzoni ou ainda as tantas Aidas, Violettas, Normas, Mimis saídas da imaginação de compositores e libretistas de óperas. E mesmo assim, com raríssimas exceções, a imagem feminina que ali domina é de mulheres dotadas de apenas alguns atributos, os mais valorizados nas respectivas épocas, quase nunca de mulheres reais.

Eppur scrivono

Mulheres escritoras, na Literatura italiana, objeto do presente volume, há poucas, quer porque seu número foi de fato significativamente inferior ao dos escritores homens, quer porque entre as que existiram, poucas foram consideradas dignas de ser lembradas. Ou, pior, foram tidas como merecedoras do olvido. E na Itália, escritoras mulheres jamais – ou muito raramente – foram tomadas como modelo legitimador na construção da língua padrão nacional. No entanto, apesar de condições quase sempre adversas, mulheres escreveram, desde tempos muito remotos. Escreveram para facilitar seu trabalho, como Maddalena, dona de uma loja de especiarias em Roma, que, entre 1523 e 1537, redigiu dois livros de contas, onde registrou as compras, as vendas, o nome dos fornecedores e dos clientes – entre os quais, aliás, havia três mulheres.⁴ Escreveram também para ganhar a vida, como as citadas por Langeli, que, no século 14 e 15, desempenharam a função de copistas ou amanuenses, profissões geralmente reservadas aos homens.⁵

Mas muitas escreveram para seu deleite, para se expressar, para difundir idéias, para fins estéticos. Entre elas houve, preferencialmente, mulheres da classe dominante, que, apesar de, como vimos, saberem ler e escrever, o faziam muitas vezes de modo aproximativo, mostrando não terem recebido um ensinamento sério e amplo, possivelmente considerado perigoso. Poucas eram as que conseguiam ler e escrever “tão bem quanto um homem” – seriam, nos fatos, consideradas capazes de elevar-se a um tal degrau de perfeição? E, até o século 19, mesmo para essas mulheres, de certa forma, a veia literária permaneceu circunscrita à escrita no *mundo privado*, de cartas e diários, nos “interstícios de um ambiente resistente à expressão feminina”.⁶ Dentro dos monastérios, encontraram-se tradicionalmente muitas escritoras, até porque, como vimos,

4 BARTOLI LANGELI, A. Op.Cit. p. 48

5 Idem, p. 53.

6 MORANDINI, G. Op.Cit., p. 10.

era comum que as freiras proviessem de famílias de alto e médio rango, tendo sido alfabetizadas e possuindo, em alguns casos, uma boa formação cultural e literária. Por outro lado, dentro dos monastérios, costumava-se ensinar a ler e escrever, além de efetivamente cultivar-se esse hábito.

Ao lado de muitas místicas autoras de diários ou escritos de caráter espiritual, houve quem redigisse – e publicasse – verdadeiros livros. Como Arcangela Tarabotti [1604-1652], com seus *Che le donne siano della spetie degli huomini. Difesa delle donne* [Que as mulheres sejam da mesma espécie que os homens. Defesa das mulheres], *Il paradiso monacale* [O paraíso monacal] e *L'inferno monacale* [O inferno monacal].⁷ Muitas inclusive foram vítimas da Inquisição, como Gesualda Forni di Udine, capuchinha: escreveu uma confissão, que ela mesma apresentou à Inquisição, na qual se auto-denunciava de ter fingido acreditar em Deus.⁸ Por razões óbvias, a Igreja católica operou uma rígida seleção na divulgação dos escritos de suas religiosas, deixando de lado aquelas escritoras que, conscientemente ou não, fugiram de temas puramente místico-ornamentais, segundo os cânones da ortodoxia.

Nem mesmo as escritoras que tiveram uma atuação preponderante na vida social de seu tempo costumam ser lembradas. É o caso de Vittoria Colonna (1490-1547), filha dos duques de Urbino, esposa do marquês de Pescara, mulher dotada de uma refinada cultura humanista, autora de rimas, sonetos e de uma importante troca epistolar com escritores e artistas de renome da época – entre os quais Ludovico Ariosto, Michelangelo Buonarroti, L'Aremino –, que participou ativamente de uma corrente reformadora e progressista dentro da Igreja católica. É significativo que Michelangelo, seu amigo, tenha dito, ao *elogiá-la*, após a sua morte, que ela fora “um homem dentro de uma mulher”.⁹

É o caso também de Eleonora Pimentel Fonseca (1752-1799), escritora iluminista, de origem portuguesa, poliglota, estudiosa de História, Direito e Economia, autora de versos e de um ensaio sobre finanças, tradutora, membro da academia literária Arcádia, ativa militante jacobina e republicana, figura de relevo na curta República Napolitana de 1799, onde foi redatora do bi-semanal *Monitore Napoletano*, condenada à morte e executada quando da Restauração da monarquia dos Bourbons em Nápoles.¹⁰ É o caso de dezenas de outras mulheres, de todos os cantos da Itália e de todas as camadas sociais: poetisas, escritoras, críticas literárias e críticas sociais, anticonvencionais, conspiradoras, subversivas, cheias de idéias inovadoras e revolucionárias para amenizar os problemas sociais que assolavam o seu país, a sua região, a sua cidade.

⁷BARTOLO LANGELI, A. Op. Cit., p. 126.

⁸ Idem, p. 126 *et seq.*

⁹ Cfr. www.letteraturaalfemminile.it.

¹⁰ Cfr., entre outros, *La nuova enciclopedia della Letteratura Garzanti*. 1º ed. 1985. 1294 p.

Burguesas engajadas

Os seis textos cujas traduções são objeto deste volume de *Cadernos de Tradução* foram escritos no século 19, por cinco mulheres, pouco conhecidas na Itália e quase que completamente ignoradas fora dela. São elas Beatrice Speraz, que, de modo bastante significativo, adotou o pseudônimo masculino Bruno Sperani (1843-1923), Emilia Ferretti Viola, que escreveu com o pseudônimo de Emma (1844-1929), Maria Antonietta Toriani, conhecida como a marquesa Colombi (1846-1920), Anna Zuccari, nota com o pseudônimo Neera (1846-1918) e Leda Rafanelli (1880-1971). São conhecidas sobretudo graças a outra mulher, Giuliana Morandini, romancista, cientista social, crítica literária e professora de Literatura, que, no livro *La voce che è in lei. Antologia della narrativa femminile italiana tra '800 e '900* [A voz que está dentro dela: antologia da narrativa feminina italiana entre os séculos 19 e 20], lançado em 1980, reuniu cerca de trinta trechos de romances, novelas e outros escritos de mulheres, dos séculos 19 e 20.

Todas as mulheres-escritoras desta antologia, cada uma com sua história, seus valores, suas preocupações e seu próprio estilo, fazem relatos de pequenos mundos especificamente femininos sem jamais deixar de inseri-los no corpo social ao qual pertenceram e que os modelou. Os escritos escolhidos por Giuliana Morandini pertencem ao gênero narrativo, mais ligado ao debate social do que à *ficção*. Pertencem, portanto, a um instrumento de expressão dominante na sociedade burguesa do século 19, que tendeu a veicular “o que há de nevrálgico no social e no privado”¹¹.

A lombarda Beatrice Speraz, na arte Bruno Sperani, autora de dois dos textos aqui traduzidos, era milanesa de origem dalmata. Já nos títulos [*Números e sonhos, Na engrenagem, Na neblina, No turbilhão da vida, As vencidas, A fábrica*], seus romances expressam as inquietações da autora, sobretudo quanto à nova sociedade industrial lombarda e suas contradições. No livro *La fabbrica* [na acepção de “canteiro de obra”], de 1889, através da trágica – quase romântica – história de Luisina, Beatrice Speraz denuncia os danosos efeitos sociais do capitalismo – da super-exploração do trabalho à desenfreada especulação imobiliária. O trecho traduzido, de forma impecável, pela agora ex-aluna do curso de Bacharelado em italiano, já tradutora, Aline Pereira de Barros, nos relata um pedaço de vida de Luisina, passadeira, que vive com sua mãe doente no cortiço milanês onde reside também o operário Francesco. Em um romance exemplarmente polifônico, todos são protagonistas, com seus valores, aspirações, preconceitos, alegrias e dramas. Torna-se personagem até mesmo o cortiço, destinado a ser demolido na corrida imobiliária da época, que construía, cada vez mais rápido, casas cada vez menores e piores, levando à expulsão dos seus moradores que terminariam nas periferias de cidades cada

¹¹ MORANDINI, Op.Cit. p. 43.

vez menos humanas, mas também à morte de operários como Francesco, em canteiros de obra cada vez menos seguros.

O segundo trecho, de autoria de Beatrice Speraz, foi extraído do romance *Numeri e sogni*, publicado em 1887, que, somente na aparência, trata de um tema mais feminista do que social, figurado através da relação desigual, de engano, entre uma modelo, Marieta, pobre e doente, e um artista, Adriano, que também engana a própria esposa. Mas, nos interstícios deste livro, como em outros da mesma autora, reencontramos a triste realidade da nova sociedade capitalista pós-unificação italiana, que aniquilou as grandes esperanças dos que, como Beatrice Speraz, envolveram-se na militância política e sonharam com uma Itália melhor após a unificação política, inclusive no referente às relações homem-mulher. Este texto, o sexto e último a ser apresentado, foi traduzido por Ânia Dóris Reis Bourscheid Del Pino, aluna graduanda da Licenciatura em Letras português-italiano, que, em uma meritória visão interdisciplinar, fez questão de assumir o desafio da tradução, exercício que ela desempenhou exemplarmente.

Em *Uma entre tantas*, Emilia Ferretti Viola, de nome artístico Emma, no novo contexto industrial pós-unificação, tomou consciência da necessidade de colocar sua habilidade de escritora a serviço, não mais de fábulas, obras de pura fantasia, mas da “triste verdade dos fatos”, para denunciá-los. Aqui, ela conta a história de Barberina, filha de pastores, que emigra para a cidade, em pleno processo de industrialização, para trabalhar como doméstica. Após um período de hospitalização, ela fica sem emprego e acaba deixando-se levar pela engrenagem da prostituição, que a autora denuncia como uma instituição implícita, necessária à nova sociedade burguesa da época. Alguns anos após a publicação do livro de Emma, em 1878, a legalização dos bordeis seria objeto de acalorados debates parlamentares. No trecho traduzido, com muito envolvimento e seriedade, por Carina Arsego Roesler, aluna do sétimo semestre do Bacharelado, Barberina, na sua cama de hospital, descobre a miséria, a falta de solidariedade, a morte solitária, a tristeza, perdendo aos poucos a ingenuidade e a confiança na beleza da vida que ela trouxera de sua aldeia nativa.

Maria Antonietta Torriani – Marquesa Colombi –, enquanto militante do movimento feminista lombardo, desde o período imediatamente posterior à unificação italiana, denunciou, na vida e na Literatura, as difíceis condições de trabalho das mulheres. Na sua obra-prima *In risaia* [No arrozal], de 1878, através da protagonista Nanna, ela descreve o duríssimo trabalho nos arrozais lombardos, feito exclusivamente por mulheres, na maioria jovens e provenientes de comunidades pobres dos arredores, que ali perdiam ilusões, saúde e, em muitos casos, a vida. O trecho, que Maria Cristina da Silva Gonçalves traduziu para este número de *Cadernos*, com a competência que a distingue, provém de outro romance da Colombi, *Prima morire* (que Maria Cristina

traduziu como “Antes Morrer”), de 1887. Neste livro, a autora abandona o naturalismo de *In risaia* para construir uma espécie de sátira da burguesia, com suas instituições – como o casamento –, seus costumes – como as obras beneficentes que dão boa consciência –, seus valores – a virtude *versus* o vício nas mulheres, etc., cuja meticulosa descrição deve ser tomada de modo figurado, inverso, enquanto crítica e denúncia.¹²

Carla Maicá, aluna formanda do curso de Bacharelado, traduziu, com o entusiasmo e o juízo crítico que ela coloca em tudo que faz, o longo trecho do romance *Un sogno d'amore* [Um sonho de amor], da anarquista Leda Rafanelli. Esta escritora toscana, que no final da adolescência foi viver com a família no Egito, onde ela conheceu o movimento anarquista entre os operários italianos que trabalhavam na construção do Canal de Suez, considerava a escrita – literária e jornalística – como parte de sua militância. Por seus escritos e sua militância, foi perseguida, sobretudo pelo fascismo, que, no entanto, não conseguiu calá-la, nem mesmo após ter destruído a editora na qual trabalhava. No trecho aqui apresentado, Anna, militante anarquista e trabalhadora, conhece as dificuldades de conciliar sua condição de mulher com sua militância político-revolucionária, vivendo as tensões e contradições de sua paixão por um jovem estudante reformista.

O quinto texto deste número, traduzido por Jorgeta Dal Rold, formanda no curso de Bacharelado, foi tirado do romance *Lindomani* (1890), de Neera, romancista e ensaísta. Aqui também, através do conformismo e conservadorismo da protagonista Marta, denunciavam-se a amargura, a alienação sentimental, o vazio, a renúncia que se dissimulam atrás da aparente estabilidade do casamento.

Florence Carboni
Organizadora

¹² BAKHTINE, Mikhaïl. *Esthétique et théorie du roman*. Paris : Gallimard, 1999. p. 305 et seq.

A fábrica¹

Mãe e filha

Bruno Sperani

Tradução: Aline Pereira de Barros²

O velho cortiço onde viviam as mulheres da família Terragni era daquelas construções destinadas a desaparecer no caso de uma já prevista reorganização das ruas e becos que se estendiam e se cruzavam desde a Ponte de Porta Vittoria até a velha igreja de San Pietro in Gessate. Localizava-se quase no meio da rua à qual a igreja dava nome. À primeira vista, não era feio, com sua fachada de três andares e seu portão quase imponente. Mas por dentro era uma bagunça. O pátio mais parecia um beco sinuoso que passava entre um grupo de casebres, mais altos aqui, bem baixos ali, com janelas e grades de vários tipos e tamanho.

Era só dar uma olhada para perceber que diversas construções estavam ali reunidas, como que grudadas ao corpo da edificação principal, situado na frente, muito mais recente, destinado a servir de emblema, mentiroso como tantos emblemas, para aquela estrutura putrefata.

Dez ou quinze anos antes, Piloni tinha recebido aquelas ruínas de um jovem *bon-vivant*, como pagamento de um crédito de agiotagem, incerto a respeito do negócio que fechava.

O empreiteiro estava, então, no início de sua carreira de trapaceiro, mas já era esperto como poucos. E, sendo assim, tinha restaurado mal-e-mal aqueles casebres e erguido o da frente em três andares, pensando nos ganhos abundantes que obteria quando a Prefeitura os expropriasse por razões de utilidade pública.

Desgraçadamente, as coisas foram se protelando e a rua permanecia em seu imutável mofo. Exceto pelo fato que, em 15 anos, Piloni tinha quintuplicado seu capital, alugando aqueles quatinhos às pessoas pobres, que moram mal e

¹ SPERANI, Bruno (Beatrice Speraz). *La fabbrica*, www.liberliber.it, p.11-17.

² Tradutora de italiano e revisora de português, formada em Letras/Bacharelado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

pagam, guardadas as devidas proporções, muito mais caro que os ricos.

Tirando um taberneiro, um salsicheiro, um colchoeiro e mais alguns pequenos comerciantes, os inquilinos da casa eram quase todos operários; entre eles alguns pedreiros, sobretudo empregados do proprietário. Até o *porteiro* era um velho pedreiro que se tornou incapaz de trabalhar devido a uma queda. Piloni o protegia porque o pobre diabo, entorpecido pelas desgraças, era submisso até não poder mais, sempre com o rabo entre as pernas.

O quarto das Terragni pertencia à melhor parte da casa, a que tinha sido construída por Piloni; porém, dava para o pátio, tendo porta e janela voltadas para um longo corredor ao ar livre, no segundo andar. A luz que ali adentrava mal dava para iluminar a metade da peça, funda, estreita e bastante baixa.

Da penumbra do fundo emergia, com sua colcha branca, uma larga cama de nogueira, derradeiro sinal de uma abundância já distante. Virginia Terragni, mãe de Luisina, jazia enferma nessa cama.

Era uma noite de sábado; Luisina passava roupas perto da janela.

Uma longa mesa, coberta por um pedaço de tapete, sobre o qual a passadeira tinha estendido um lençol velho dobrado em quatro, ocupava quase todo o quarto, deixando somente um meio metro de espaço para a circulação.

A passadeira tinha pressa. A pilha de roupas engomadas ou simplesmente umedecidas que ocupava uma das pontas da mesa era ainda muito alta. Significava, com certeza, duas boas horas de trabalho.

— Estou com sede! — murmurou a enferma, virando-se na cama.

Luisina depositou o ferro sobre o carvão aceso do fogão e correu até a cama, para junto de sua mãe.

— Oh! A febre voltou!...

— Não!

— Como não? Você está fervendo! Meu Deus! Meu Deus! Fique quieta, por favor! Eu devia ter te dado quinino ao meio-dia. Me esqueci!...

Suspirou e desviou o olhar.

Não tinha se esquecido, não; tinha faltado dinheiro. E o farmacêutico, a quem devia algum, não lhe vendia mais nada fiado.

Virginia ergueu a cabeça ossuda, rosto destruído — talvez fora belíssimo um tempo atrás — e, agarrando com a mão trêmula o copo de limonada que a filha lhe oferecia, bebeu avidamente com a ânsia dolorosa dos febricitantes.

Luisina permaneceu alguns minutos junto ao leito, acarinhou a pobre doente como se fosse uma criança, beijou-a e então foi até o fogão, pegou o ferro quente, limpou-o com cuidado e voltou ao trabalho.

Passava bem, com muita atenção, muito mais do que na verdade mereciam as camisas e outros trapos remendados de sua clientela. Certo, não poderia se gabar de ter uma clientela rica e elegante; absolutamente, não. Mas não era sua culpa: era o que a casa oferecia.

Talvez com o tempo melhorasse. Por ora devia se contentar, até porque aquela não era sua verdadeira profissão. Antigamente, trabalhava como modista, mas várias razões a fizeram abandonar a loja onde trabalhava, principalmente a doença da mãe, que não podia ser deixada sozinha.

Tal conjuntura a fez começar a trabalhar em casa; esperava ganhar mais. Muito cedo, porém, deu-se conta que se não desse crédito perdia os clientes e, dando crédito, com frequência perdia dinheiro.

Pensou em um outro trabalho. Sabia se virar passando roupa: resolveu tentar, mantendo os preços baixos. Os dois trabalhos juntos acabaram por render ganhos de oito, dez, até doze liras por semana. Muitos a invejavam. Para ela, contudo, com a mãe de cama, as doze liras eram pouco e as dívidas aumentavam mês a mês. E se o proprietário da casa a colocasse na rua, sabe Deus o que seria dela!

Como era azarada...

Inclinava a cabeça sobre o vapor quente que exalava da roupa, vencida pelo desânimo, e repetia mentalmente:

— Azarada e burra!...

Seus lábios ostentavam um sorriso desdenhoso de compaixão com aquela estúpida, que era ela. Enquanto isso, suas mãos hábeis e ágeis não paravam um segundo, e o ferro corria sobre o tecido alvo das camisas engomadas, sobre os colarinhos e sobre os punhos do filho do salsicheiro, um pedaço de gente que trazia sempre uma flor na lapela e era seu melhor cliente. Problemas à vista caso não o contentasse! Ele começava a berrar como um bezerro desmamado e tocava as camisas limpas no cesto da roupa suja; então, a sua mãe, uma avara de marca maior, era capaz de querer que ela lavasse e passasse de novos as peças sem receber nada por isso. No fundo, esse tipo de rigor lhe foi muito útil, pois a fez aprender a profissão em pouquíssimo tempo. Outro que a deixava louca era um tal de Nanetti, viúvo com dois filhos; pobre diarista da Prefeitura, condenado a se sustentar com três liras por dia, sem ter nem menos a compensação de usar o uniforme azul, como os operários.

As camisas do pobre diabo eram uma tristeza, cheias de remendos, os quais ele não queria que ficassem à mostra... Remendos feitos por ele mesmo, à noite, depois do expediente!...

De qualquer forma, aquelas eram as roupas que exigiam mais atenção depois das camisas do filho do salsicheiro de flor na lapela, e a passadeira as colocava para terminar de secar perto da lareira para que a goma ficasse mais firme.

Agora, passava rapidamente uma peça depois da outra. A pilha diminuía. A cada interrupção do trabalho, se apoiava um momento na cama, olhava a sua doentinha e lhe enxugava o suor, pois fazia um calor do cão naquele quartinho desprovido de correntes de ar... Depois, voltava ao trabalho para terminar logo, mas mais ainda para esconder da mãe a crescente inquietude que a estava dominando.

Era um grande sofrimento pra ela, com sua personalidade aberta e expansiva, este ter que guardar tudo para si, não tendo uma viva alma com quem desabafar!...

A “pobrezinha da igreja” não tinha ainda trazido a resposta de Zibardi; era para aquela noite de sábado. Mas ela não esperava nada de bom.

Enquanto isso, tinha recorrido à Congregação de caridade para obter um auxílio. Mas um auxílio suficiente para fazer aquilo que sonhava, ela não tinha esperança de obter. Assim, se aquele cachorro não tivesse um pouco de compaixão, o menino estava perdido. Pobrezinho! Pobrezinho!

Grossas lágrimas sulcavam sua face, unindo-se ao suor. Sentia um cansaço mortal em todos os membros. Aquele trabalho tão pesado a estava matando; ela não estava habituada.

Quem sabe?! Talvez o ex-comerciante de vinhos estivesse vivendo um bom momento: a irmã Rosa dissera que estava bem disposto. E por que não estaria? Não era ele o pai, como ela era a mãe? Não se tratava da mesma carne?... Por que ela deveria sofrer tanto porque o menino estava padecendo, talvez morrendo... e ele nada? De que matéria era feito?

É, a irmã Rosa tinha que dizer a verdade: ele deveria estar bem disposto, até enternecido, se tivesse uma alma, se não fosse um monstro. Ele a ajudaria, com certeza.

Mas, ao mesmo tempo em que sua mente se fixava em tal esperança, uma outra inquietude sem nome, sem causa aparente, surgiu no recanto mais secreto de seu coração. Ela não entendia porque a esperança que deveria consolá-la não a aliviava de fato. Ou talvez compreendesse demais.

Aceitar dinheiro daquele homem... revê-lo, talvez... talvez ter que se submeter a ele... Sentiu um tremor que a fez sobressaltar.

Ah! Não! Por todos os santos... Melhor morrer... melhor...

Quase disse “melhor deixar a criança morrer”, mas se arrependeu logo... Por aquele pobre inocente deveria ceder... suportar tudo... Mas ela morreria. Oh! Como lhe era odioso aquele traidor! Como lhe era odioso! Parecia impossível para ela que o tivesse amado um dia... Porém... Talvez o odiasse tanto justamente porque o tinha amado. Talvez aquele ódio ainda fosse amor...

Balançou a cabeça com força.

Não, não. Tinha amado aquele homem ou, pelo menos, tinha acreditado que o amava porque ele tinha se mostrado bom, afetuoso, quando, na verdade, era um infame. Desde que o conhecera, o amor morreria. O sentimento que experimentava era cheio de tristeza. Se ele tivesse se arrependido... se tivesse se casado com ela...

Voltou a sacudir a cabeça, quase para mandar aquele pensamento pra bem longe.

Sentia ódio em seu sangue, e não podia compreender que tal ódio fosse a reação de um amor traído.

Após uma longa meditação, pensou ter acabado com todas as suas dúvidas com o seguinte argumento triunfal:

— Não, aquele ódio não era amor, não, pois aquele homem lhe dava nojo. Se tivessem se casado, se submeteria, sim, pelo pobre bebê, pela sua mãe doente, mas seria muito infeliz; morreria de desgosto.

Uma outra linha de pensamento apossou-se de seu espírito.

Que estúpida! Não tinha perigo de ele querer se casar com ela; nem tê-la de volta: ele tinha outros amores, outras ambições...

E ria da própria ingenuidade, caçoava de si mesma: no fundo, tranquilizada, aliviada de um peso insuportável.

Todos falavam dos amores do Senhor Zibardi, do belo vendedor de vinhos que enriqueceu, enriqueceu muito, pelo que diziam. E as antigas colegas de profissão, as jovens modistas que a olhavam de alto a baixo, a consideravam uma boboca porque não soubera agarrar uma fortuna daquelas, ou se aproveitar da maternidade... nada. Grande idiota, por Deus! Desde a infância sempre lhe disseram que era uma coração mole, a ponto de explodir em soluços ao menor sinal de censura da professora. Se não fosse assim — diziam as antigas colegas em momentos de maior efusão — teria se tornado rica de um jeito ou de outro, já que era linda e agradava aos homens mais que todas elas juntas; em vez disso, vivia afundada em miséria, e a honra, pelo sim e pelo não, tinha perdido também. Não se podia nem afirmar que tinha se guardado para o momento certo... Muito pelo contrário! Entregou-se como uma tola e como uma tola continuava a viver naquele pardieiro, junto com aquela gentinha, como unha e carne. De modo que era mal falada na vizinhança, entre os que sabiam do vendedor de vinhos e entre os que não sabiam.

Tinha ficado sabendo dessas coisas num domingo desses, ao encontrar por acaso Carlottina Fiorelli, uma ex-colega de trabalho, que trabalhava como cortesã e se vestia como uma princesa, esperando o príncipe encantado para dentro de poucos meses.

Era tudo verdade. E o que ela podia fazer? Ela era assim mesmo. Entregou-se àquele homem sem pensar em nada além do amor, deixando-se levar, arrastar, como um animal de olhos vendados rumo ao matadouro. Não podia fazer nada; nascera com um coração de manteiga e uma boa fé resistente como uma pedra. Foi necessária uma revoada de pica-paus para despedaçar a boa fé daquela bobalhona!

Ainda sentia o gosto amargo das recordações a respeito de sua boa fé. Após o parto, quando soube que Zibardi tinha levado o bebê para o orfanato, estando ela mais pra lá do que pra cá, não suspeitou de nada! Chorava, se desesperava porque lhe tinha tirado o pequeno, mas não lhe passou pela cabeça que aquilo fosse o princípio do fim, o sinal do abandono! Ele a acalmava com palavras doces, com promessas mais doces ainda; seria seu por toda a vida, ninguém

poderia separá-los, o bebê representava um vínculo sagrado, um vínculo indestrutível; não poderia deixá-la, nunca mais, nunca mais. Na identificação do menino tinha colocado, escrito de próprio punho: *Mario Terragni-Zibardi*. Assim que resolvesse algumas coisas, convencesse sua família e economizasse o bastante para sustentá-la com conforto — porque a sua esposa devia viver como uma rainha — ele se casaria com ela e o bebê viria para a casa como de direito... Não estava feliz?

Assim dizia, o hipócrita; e ela acreditava.

Essas lembranças a deixavam agitada, uma cólera cega tomava conta dela.

Cinco anos tinham se passado. Cinco anos! A pobre criança abandonada morria... Morria! Esse pensamento vencia até mesmo a cólera. O ódio emudecia.

Uma palavra! Uma esperança! Uma ajuda!... E teria esquecido, perdoado tudo!...

Esticou o pescoço para olhar o pátio. A irmã Rosa tinha ficado de aparecer antes do anoitecer.

Paciência!

Voltando a passar roupa, retornaram à mente da moça as palavras de Carlottina, principalmente aquelas que mais a tinham atingido, “que ela dava muita confiança para aquela gentinha e que os que sabiam de Zibardi diziam por aí que ele não fora o único...”

Quanta maldade!

Ninguém podia se vangloriar, ninguém.

Fora seduzida... no máximo poderiam dizer que se tinha deixado seduzir porque era uma tola; e sabiam que tinha o menino no orfanato, porque ela não escondia de ninguém, indo todos os meses, às vezes duas vezes ao mês, à parteira para obter notícias. Todos tinham pena dela, isso sim, pois sabiam que...

Mas de que gentinha falava Carlottina? Fazia sentido aquela palavra na boca da filha de um gari, na boca de uma mulher que se vestia de seda porque exercia a mais vil das profissões?

— É verdade, — dizia a si mesma a passadeira — me dou bem com todo mundo, e quando não estou nervosa, como nos últimos dias, até gosto de dar umas risadas... Sim, senhor! Ou devo definhar? Rir não faz mal a ninguém...

A imagem de Francesco Bitossi surgiu de repente diante dela no exato momento em que pescava uma das últimas camisas da pilha, dando-se conta de que era dele.

— Meu novo cliente! Pelo menos tem as roupas em bom estado! — exclamou, observando a camisa e as outras peças que o pedreiro tinha lhe entregue naquela manhã para que fossem passadas. Há poucos meses Bitossi alugara um quarto que estava vazio no mesmo corredor que o dela. Vendo-se todas as noites e com frequência pela manhã, quando ela se acordava cedo para trabalhar, tinham começado a se cumprimentar, depois a trocar umas palavrinhas. Um fluxo de

simpatia os aproximava; faltava-lhes sorte e sobrava-lhes afeto.

Veio à sua mente a ideia de que a cortesã quisesse se referir a ele com a palavra “gentinha”, porque os tinha visto juntos uma noite daquelas em frente à porta do salsicheiro. Esta insinuação lhe pareceu nojenta, e ela jurou não mais cumprimentar a antiga colega.

Escurecia. A enferma tinha se acalmado. Passando roupas sem parar, as costas curvadas, a cabeça dolorida pela exalação de carvão e dos vapores acres da roupa úmida, com aquele cansaço exasperante que destroça o corpo e deixa livre o pensamento, Luisina não podia fazer nada além de atormentar-se desenterrando o passado e observando com olhar amedrontado o ameaçador porvir. Assim, pouco a pouco, à medida que a noite se aproximava, sua inquietude adquiria uma intensidade febril. O olhar ardente desprendia-se a cada instante do trabalho, fixava o vazio, vasculhava aflito os outros corredores e buscava penetrar na sombra das escadas.

As vizinhas que iam e voltavam em frente a sua janela trocavam com ela algumas frases; os vizinhos que começavam a voltar pra casa a cumprimentavam, alguns com indiretas no olhar, outros com simples saudações, jogando-lhe na cara o hálito quente, impregnado de tabaco e álcool. Ela respondia a todos simpática, sem se abalar com nada, sabendo colocar os atrevidos em seu lugar com a indiferença segura de uma mulher que sabe impor respeito sem grandes dificuldades.

Bitossi também chegou, e a bela figura do jovem, de ombros largos, perfil inteligente, parou um instante em frente à passadeira.

— Trabalhando ainda?

— Estou quase terminando, já levo suas coisas...

— Como vai sua mãe?

— Ai, nem me fale... a febre voltou.

— Coitada! Precisa de alguma coisa?

— Obrigada, senhor Francesco, obrigada!... E o senhor? Tudo bem lá com o Piloni?

— Ê... posso dizer que sim... é melhor do que nada.

— Acredito. E terminam logo? Ouvi falar que seu chefe quer a obra terminada até a Páscoa.

— Isso seria o de menos. Começamos a trabalhar em março e, em um ano, se poderia terminar, com o ritmo de agora. Mas o problema é que em abril e maio caiu aquela água o tempo todo e, com todos os contratemplos, quase não trabalhamos; pode-se dizer que estamos trabalhando somente há três meses. E *ele*, na festa de San Michele, quer os telhados, as escadas e os apartamentos em ordem para que aqueles que procuram uma casa possam subir e ver. Ou talvez para acertar algum outro negócio; nunca se sabe o que aquele lá tem em mente!

— Mas como erguem rápido essas casas!

— A todo vapor!

— Outra noite mesmo Berini se queixava para o porteiro, lembrando de seu filho que ficou sob os escombros quando caiu a casa do Brandi.

— Pobre homem! Agora está revoltado com Piloni...

— Com certeza! Dizia que o canteiro de obras de Piloni terminará como o de Brandi.

— Tomara que não, mas, infelizmente, não é impossível.

— Ah, meu Deus! Não me assuste!

— Tomara que não, tomara que não...

— Tomara! Porém, o perigo existe. E tudo por causa da cobiça desses empreiteiros que querem enriquecer da noite para o dia, arriscando a vida de criaturas inocentes.

— E arriscam as deles também: amam o dinheiro acima de tudo. Piloni, principalmente, é muito corajoso. Semana passada caiu o forro em um canteiro de obras na Porta Genova e um rapaz foi esmagado. Foi por milagre que não aconteceu o mesmo com Piloni, que estava justamente dizendo que não existia perigo! É assim mesmo. Eles têm mais medo de gastar dinheiro que de morrer esmagados como ratos.

— Não me importaria se morressem todos. Mas tenho pena é dos pobres homens que trabalham pra eles, explorados e mal-pagos. E o senhor? Não tem medo?

— Eu? Imagine!... Eu não tenho medo. Além do mais não me importaria de morrer...

— Ai! Assim tão jovem?!...

— Estou sozinho no mundo, não tenho muito com que me alegrar. Mas isso não é nada. Trabalhos cansativos e arriscados existem muitos. Outro dia fui ao Gasômetro. Precisa ver que vida de burro de carga levam os coitados daqueles trabalhadores. Em poucos anos ficam como que queimados vivos! Ao mesmo tempo existe quem viva de renda, nas costas deles... Isso faz o sangue da gente ferver...

A passadeira o ouvia atentamente, fascinada por aquela voz vibrante, por aquele tom comovido: ergueu o olhar, fitando-o. Seus olhares se cruzaram e ambos experimentaram um tremor. Ela sentiu que aquele não era um operário como os outros, que não falava sem pensar, mas que devia ter refletido bastante a respeito do assunto sobre o qual discorria e sentiu um senso de respeito e de subordinação que lhe impediu de responder. Lembrando-se, porém, que o rapaz tinha lhe contado que fora preso devido a uma briga na qual tinha se metido por suas ideias socialistas, sua subordinação se transformou em uma intensa piedade e um vivo temor de que ele se prejudicasse de novo. Então, querendo mudar de assunto, lhe perguntou:

— É verdade que o senhor Piloni contratou você como supervisor?

— Sim... me pagando menos que aos outros, a quem já paga o mínimo possível.

— Por quê?

— Ora! Pela minha desgraça... todo mundo sabe. Sabendo que já tinha estado na prisão e tanto tempo desempregado, entendeu que eu deveria me adaptar a tudo...

— E o senhor? Não diz nada?

— Eu? Humpf! Não é por mim que me indigno... Quando chegar a hora de agir por todos juntos... quando chegar a hora da vingança e da redenção... daí, me verá, ouvirá...

Amedrontada pelo tom ameaçador com o qual o pedreiro tinha pronunciado estas palavras, além de temer por ele, Luisina interrompeu-o bruscamente, cochichando para que se calasse. Vinha vindo "Dona Amarela". Marianna Civardi, conhecida como "Dona Amarela" devido a uma roupa que usava no verão, andava, segundo diziam, de conchavos com a Polícia.

Ele se calou, surpreso, contemplando a passadeira, que tinha voltado ao trabalho.

— Obrigado! — disse quando Dona Civardi se distanciou, — obrigado! A senhora sente alguma amizade por mim. Obrigado! Não me sentirei mais tão sozinho.

E se foi, confuso por ter falado demais e com medo de demonstrar o turbilhão de emoções que o agitava.

Luisina sentiu-se grata a ele pela discrição, mais que pelas afetuosas palavras, as quais a fizeram ruborizar até a raiz dos cabelos.

— Luisina! — suspirou a mãe.

— Mamãe, estou aqui.

E acudiu a doente.

— Terminou?

— Sim.

— Com quem estava falando?

— Com um e outro...

— Não... você estava falando com aquele pedreiro... o tal de Bitossi... Não quero ver você falando com ele!

— Ai, mamãe! Eu nem *falo* com ele do jeito que a senhora está pensando...

— Não quero que fale com ele de jeito nenhum.

— Por quê?

— Porque vai te dar azar; porque é um desgraçado como você, e dois desgraçados juntos não dão certo...

— Começou! — exclamou a moça, contendo um suspiro. — Você não entende que eu não quero saber de ninguém?... Uma coisa é trocar meia dúzia de palavras com um vizinho, outra coisa é isso que a senhora está pensando... Vamos, vamos, não me sacrifique. Agora a febre baixou, a senhora suou... Já vou buscar seu quininó para esta noite, deixe-me só acabar esta meia dúzia de peças.

Voltou para perto da janela e colocou-se a passar apressadamente as últimas

roupas, à luz débil do crepúsculo.

Às suas costas o quarto era de um escuro pesado, somente interrompido aqui e ali pelos reflexos vindos do fogão, os quais refletiam fantasticamente alguns objetos de cobre pendurados em volta da lareira e os tecidos reluzentes das camisas que acabavam de secar ao calor do fogo. Essa moldura de sombra e a luz sutil que entrava pela janela ressaltavam a figura elegante, luminosa, e a grácil beleza da passadeira. Seus olhos cintilavam e a tez delicada do rosto, do colo e dos braços nus adquiria uma transparência perolada. Vista assim, a moça, à qual os maldosos atribuíam tantas escapadelas, portava toda a candura e a ingenuidade de uma virgem de Fra Angelico³.

3 N.de T.: Fra Angelico, pintor italiano do séc. XV, cuja obra se caracteriza por temas essencialmente religiosos.

Uma entre tantas¹

Emma

Tradução: Carina Arsego Roesler²

Os fatos que narro neste livro são verdadeiros. Aliás, quem os teria escrito se não fossem verdadeiros?

Quando tomei conhecimento deles, logo, junto com a indignação e a dor que me causaram, senti o impulso de contá-los, de denunciá-los a todos. Mas, a seguir, hesitei. Me detinha uma falsa vergonha, uma repugnância quase insuperável. Até que, ao iniciar novamente a arquitetar novas histórias, a meditar sobre obras de fantasia, provei outra vergonha e outra repugnância, que contrastavam singularmente com as provadas inicialmente.

Senti que não era mais possível, sabendo daqueles fatos, negar à triste verdade seu direito de preferência em relação às minhas fábulas.

Assim, prevaleceu meu primeiro impulso.

Espero que no futuro, mesmo quando o trabalho da minha imaginação for mais intenso e fervoroso e que imagens vindas da minha fantasia parecerem-me mais atraentes e valiosas, eu tenha sempre a força de afastá-las, ao menos se, ao lado delas, surgir algo verdadeiro, ainda que triste, miserável ou até mesmo sórdido, que possa ser útil à humilde pluma de uma escritora de fábulas.

Florença, 15 de dezembro de 1877.

*
* *

1 EMMA. **Una fra tante**. www.liberliber.it. p. 4, 13-17, e, em parte, do trecho *Sofferenze numerizzate*, de MORANDINI, G. Op.cit. p. 122-127.

2 Aluna do VII semestre do Bacharelado em Letras - Tradução Português-Italiano, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

O lugar era tão abafado, havia ali uma tal confusão de gente e a sombra pesada de muros e de cortinas era tão pesada e grave que, por um momento, Barberina não conseguiu entender onde estava.

Estava numa cama, estreita e dura, e, ao lado de sua cama, viu outra, depois outra e depois ainda outra, e depois uma fila indistinta de outras camas que se perdiam na grave e triste penumbra daquela sala.

Até então, nos seus sonhos febris, ela tinha visto as longas e sombrias fileiras dos carvalhos e das castanheiras que cresciam no declive dos seus morros. Agora, ao contrário, fixava amedrontada uma lúgubre perspectiva de cortinas e de lençóis, entre os quais se moviam incessantemente rostos descarnados, ondas de cabelos e curativos de doentes. O contraste entre a lembrança do sonho e a realidade presente aumentava o horror daquilo tudo.

Mas, pouco a pouco, começou a distinguir com maior clareza aquilo que via ao seu redor. Ergueu-se um pouco na cama e olhou melhor cada coisa.

Na cama ao lado, havia uma juvenzinha pálida e magra. De vez em quando, ela se erguia na cama para tossir, depois, com um lamento, recaía sobre os travesseiros.

Do outro lado de sua cama, estava deitada outra doente. Era uma mulher de meia idade, feia, desgrenhada, com os olhos negros e reluzentes.

Quando Barberina se voltou para aquele lado, a mulher lhe disse:

— É a primeira vez que vem para cá?

— Sim — respondeu timidamente.

A doente sorriu maliciosamente.

— Já vim para cá seis vezes. Quando a gente se acostuma, percebe que não é tão ruim assim. Em qual quarto vão levar você?

— Como assim em qual quarto...? — repetiu Barberina, surpresa.

— Ah, não sabe? Ai... que dor — disse a mulher interrompendo-se e contorcendo-se. Ficou calada por um momento; depois, recolocando-se na posição anterior, retomou o discurso.

— O que é que você tem?

— Não sei — respondeu Barberina.

— Não sabe? — exclamou a outra, olhando-a demoradamente, com curiosidade. — Tu de certo deve ser uma camponesa? — perguntou de novo, tratando-a agora claramente por *tu*, depois que a juvenzinha tinha dado prova de tanta ignorância.

— Os meus pais são pastores...

— Ah! — fez, com desprezo a mulher que se contorcia de dores, e não disse mais nada.

Enquanto isso, Barberina pensava naquilo que ela lhe tinha dito, e, depois de um momento, vendo-a mais tranquila, aventurou-se a interrogá-la.

— Quer dizer então que vão me tirar daqui? — disse.

— Mas é claro! — respondeu a outra — Isso daqui é o *depósito* — e vendo que a moça não entendia, acrescentou — a sala de espera — e sorriu novamente.

— Sala de espera? — respondeu Barberina — é assim que se chama aquela grande sala de onde se parte... na estação de trens.

— Exatamente! — disse a outra com o mesmo sorriso feio de antes — E como na estação de trens, daqui também se parte, minha filha, todos os dias, todas as horas, todos os minutos.

— Se parte...? — balbuciou Barberina, com medo de entender.

— Para o cemitério. Nos levam embora como cães. E temos que agradecer se nos levarem embora sem nos reduzir em pedaços, para nos estudar. Nós somos os pobres coitados... Pegam nossos corpos mesmo depois de mortos — e lhe deu uma olhada maligna e descarada; depois se contorceu de novo. — Tá com medo?

Barberina fez sim com a cabeça e virou o rosto para o outro lado.

— Tenha dó!... Do que é que tu tem medo? Tu te assustou com aquilo que te disse agora... de nos cortar em pedacinhos? Mas não entende que o fazem depois; quando já não sentimos mais nada? O que que importa? Ainda não aprendeu a desejar a morte? Oxalá nos fizessem mal só depois da morte!

E a mulher se virava e revirava na cama, continuando a se lamentar.

— É um luxo que não é feito para nós, esse de ter medo de morrer. Deus do céu, que dor! — e soltou um grito. A servente que passava por ali parou na sua cama e lhe perguntou se precisava de alguma coisa, mas a doente continuava lamentando-se e contorcendo-se sem responder; mais tarde, veio também uma freira, que procurou confortá-la com palavras gentis, dizendo-lhe que logo iriam levá-la para outra sala e lhe dariam os remédios que a fariam melhorar, incentivando-a a rezar ao Senhor.

A mulher respondeu encolhendo os ombros e lamentando-se. Depois, quando a religiosa já tinha ido embora, ela se voltou para a cama que estava no lado oposto à de Barberina.

— Rezar! — exclamou com desprezo.

Barberina a ouviu rir. Era um riso sufocado, trivial. Bom Deus, pensou a menina, como se ri mal neste lugar! Não seria melhor que chorassem? Naquela sala, em meio àquela descarada publicidade da dor, àqueles sofrimentos numerados, tinha algo ainda mais triste e mais repulsivo que a própria dor, mas ela não entendia o que era. Nem entendia o que havia, naquele lugar, que lhe dava medo, mais medo ainda do que o medo da doença e da morte.

Barberina olhou em direção do riso que tinha ouvido. Viu uma mulher não jovem, mas ainda bela, que estava sentada na cama com um dos braços no pescoço. Uma fita vermelha desbotada lhe prendia os cabelos e um xale de renda rasgada lhe cobria as costas.

— Seria bom se se pudesse rezar, — dizia a doente que, antes, tinha conversado com Barberina, — ter alguma esperança... Mas até mesmo a esperança

é um luxo. Não sentir tanto a dor presente que não te deixa pensar em mais nada, não estar, a cada momento, tão oprimido pela miséria e pela dor, ao ponto de não conseguir mais ter cabeça para esperar melhorar ou pensar no que virá depois, seria certamente uma coisa boa! Mas aspirar por um momento de repouso é um luxo, apenas um luxo.

A mulher bonita ainda sorriu.

— Se fosse para as freiras — disse — deveríamos estar felizes por sofrer.

— Sim, e agradecer a quem nos manda a dor — respondeu a outra — Se ao menos eu acreditasse nisso: que existe alguém que nos manda a dor! Eles pegaram, os patrões, os ricos, eles pegaram tudo... tudo, até mesmo Deus... O que diabos fizeram com Ele, e por que o pegaram, não se sabe! Deus não servia para ganhar dinheiro, fazer iguarias ou vestidos.

— Serve para os livros — respondeu a mulher que tinha o braço machucado, com um certo ar de superioridade, — os livros se vendem...

— E venderam até ele! — exclamou a doente mais velha — E Barberina ouviu ainda aquela risada de antes, interrompida por um lamento. Depois, as duas doentes voltaram-se, e olharam outra maca, aquela próxima à mulher bonita.

Uma freira e um jovem, vestido como civil, estendiam um lençol sobre ela.

— Morreu! — disse a mulher que estava próxima a Barberina.

— Quem era? — perguntou, depois de um momento de silêncio.

— Uma prostituta! — respondeu a outra com desprezo — a trouxeram aqui ferida por uma faca.

Depois, houve um diálogo em voz baixa, a seguir, uma risadinha, e as mulheres olharam o cadáver corpulento e grotesco, cujas formas delineavam-se sob as dobras do lençol, e, por um momento, não disseram mais nada.

Barberina estava mais horrorizada com a maneira de olhar daquelas mulheres do que com o próprio cadáver. Aqueles quatro olhares desafogados e arrogantes, repletos de febre e dor, lhe causavam medo, e enquanto caía no sono involuntariamente sob a efeito daquele medo, os enxergava em sonho, os imaginava próximos, e lhe parecia que aqueles olhos, grandes e feios, a tocavam e ela fazia esforços dolorosos e inúteis para se liberar deles.

Finalmente uma freira a acordou e mandou que a transportassem para a enfermaria onde se internavam aqueles que tinham doenças como a sua.

Aquela sala, situada no andar mais baixo, era mais clara e espaçosa que a outra, e dava para um pátio, no qual cresciam algumas plantas pequenas e baixas. Crianças vestidas com uma camiseta de tela rústica corriam da enfermaria ao pátio, ou caminhavam entre os leitos, respondendo às doentes que as chamavam, ou se agachavam perto de alguma enfermeira, que parava de vez em quando para acariciá-las.

Aquelas crianças eram tristes e tranquilas. O uniforme do hospital pesava sobre elas e parecia dizer-lhes coisas tristes e cínicas, que às crianças nunca se

diz. Ainda pequenos, tinham perdido a inconsciência da infância e pareciam ter sido violados na sua inocência e no seu pudor moral por aquele triste camisetao. E andavam assim, profanados e ainda assim inocentes, entre aquelas doentes, aquelas enfermeiras e aqueles médicos, com uma indiferença conformada que fazia mal.

Barberina não conseguia perceber tudo aquilo. Ela só entendia que aquelas crianças eram diferentes das outras, especialmente daquelas que ela tinha visto até então nos montes onde ela vivia. Mas eram crianças da cidade grande, bonita e civil, e a cidade grande tinha feito mal a eles, assim como fazia mal a ela e a tantos outros. Era um mal desconhecido que atingia todos, até os pequeninos.

Barberina sentiu-se aliviada por encontrar-se numa sala onde havia muitas outras jovens como ela. Ali, sentia-se mais segura. E olhou ao seu redor com mais ânimo.

Naquele momento, ouviu a voz da sua patroa que a chamava.

Como lhe pareceu doce aquela voz, em meio ao isolamento daquele hospital cheio de gente! Pareceu-lhe uma das vozes de sua casa, como se fosse a voz de sua própria mãe.

Foi uma visita muito curta, mas sua patroa disse-lhe tantas coisas carinhosas. Repetiu-lhe tantas vezes que ela, com certeza, iria ficar boa e que logo voltaria a trabalhar, e também disse tão suavemente que gostava dela e que ficaria sempre com ela, porque era uma moça boa e honesta, que Barberina não soube como agradecer. Aquelas palavras de conforto e aqueles elogios vindos da sua senhora, que não costumava prodigá-los, fizeram-na feliz e confortaram-na. Agora ela tinha quase certeza que ficaria boa e poderia voltar para a sua patroa. Gostava ainda mais dela, agora que lhe tinha demonstrado tanta solicitude, bem mais do que costumava mostrar. E parecia-lhe que poderia desempenhar melhor seu dever, sabendo que seus patrões apreciavam sua boa vontade e estavam satisfeitos com ela. Queria trabalhar muito, tornar-se mais esperta no serviço e adquirir assim uma boa reputação com sua senhora. Queria também fazer economias, para poder depois, um dia, dali a muito tempo, voltar para suas montanhas e rever Luca e sua mãe. Queria mesmo tornar-se uma moça de casa, distinta, de boas maneiras. Ela lembrava com desgosto aquelas criadas, coquetes e descuradas, que ninguém mais respeitava e que todos olhavam mais ou menos como as duas mulheres do depósito tinham olhado aquela pobre morta. Ela, a noiva de Luca, não podia se parecer com uma daquelas moças! E lembrava suas irmãszinhas, sua mãe, as amigas de sua cidade. E sua dignidade rústica, primitiva, rebelava-se à idéia de, um dia, não se tornar ainda mais digna de voltar para casa, onde todos eram bons e honestos, ao menos assim achava, e de não se apresentar com um atestado de louvor de sua patroa.

Às vezes, ela pensava que, no momento de sua chegada, o bom pároco a receberia com um sorriso de benevolência. Imaginava-se reencontrando

aquela senhora, amiga de sua patroa, para quem ela se apresentaria dizendo que sempre tinha feito seu dever, desde o dia de sua partida. E a miúdo, procurava figurar-se como seria a sua volta na sua cidade; pensava nisso com um certo orgulho, honesto e franco, e ficava contando os meses e os anos com energia e tranquilidade.

Com estes pensamentos, ela passou os longos dias no hospital, animando-se, confiando nas próprias forças e no futuro.

Sua patroa a visitava todos os dias e estas visitas cordiais estabeleceram uma intimidade entre a patroa e a jovem, como nunca havia tido antes. No entanto, à medida que Barberina ia melhorando, as visitas faziam-se mais raras e a moça notava, com inquietação, que a senhora ficava mais séria, que suas visitas eram cada vez mais breves e que havia, na atitude dela, algo diferente e insólito.

Um dia, Barberina atreveu-se a perguntar-lhe se a havia desagradado de alguma maneira ou se, talvez, não quisesse mais que ela voltasse para trabalhar na sua casa quando saísse do hospital.

A boa senhora a olhou surpresa, garantindo-lhe afetuosamente que nunca tivera de se lamentar do seu trabalho e que esperava revê-la logo na sua casa. Mas, logo a seguir, antes de deixá-la, ficou novamente séria e disse-lhe que tinha problemas graves e estava muito infeliz. Mas, logo após ter dito isso, talvez envergonhada deste repentino desabafo com uma moça doente, para quem ela nunca iria poder explicar a verdadeira razão de sua insatisfação, levantou-se e, após uma breve despedida, deixou-a.

Nunca mais voltou.

Barberina a aguardava sempre e não se conformava de não mais a ver. Temia que sua boa patroa também estivesse doente, e que por isso não pudesse visitá-la.

Enquanto isso, Barberina melhorava e, apesar de ainda muito fraca, fingia sentir-se forte e vigorosa, para obter mais rapidamente permissão para sair do hospital, imaginando que sua patroa precisasse dela, que ela estivesse doente, que talvez se sentisse mal. Ter de permanecer no hospital sem ninguém que viesse visitá-la, sem nunca ver uma pessoa conhecida, lhe dava medo. Ela sentia-se só no contínuo vai-e-vem das salas dos doentes, naquele lugar sempre aberto ao público. A grande porta de entrada, aberta a todos, que comunicava incessantemente com a cidade, e a outra porta, do lado oposto, que dava acesso à parte interna do hospital, pela qual levavam embora os mortos, ambas a deixavam igualmente aterrorizada.

Às vezes, nos sonhos provocados pela febre, sentindo passar sobre sua cama alguma corrente de ar que, vindo pela entrada, passava sibilando por entre os corredores e as enfermeiras, ela imaginava que aquela corrente arrastava consigo as pessoas, involuntariamente, vindo das ruas mais remotas da cidade, trazendo consigo, como um rio impetuoso, os mais desgraçados e os mais fracos.

Antes morrer¹

Marchesa Colombi

Tradução: Maria Cristina da Silva Gonçalves²

Um dia pensei em levar todas as minhas jóias para a Congregação da caridade. Mas Malvezzi não entrou no espírito da coisa. Disse-me que não tinha o direito de alienar a propriedade da minha filha.

É estranho que a pequena Marichita deva ditar-me a lei e ser a proprietária dos meus diamantes, os quais eu não lhe permitiria nem sequer tocar com um dedinho. É insuportável a tirania desta menina.

Em outra ocasião lembrei-me de ter conhecido, em Turim, umas mulheres de muito valor que, de manhã, iam arrumar as camas no Bom Pastor. Pensei em ir, eu também, arrumar as camas dos velhinhos do Asilo Pio Trivulzi.

Mas após ter feito a experiência de arrumar a minha própria cama, compreendi que teria prestado um péssimo serviço àqueles pobres velhos.

Não fui acostumada a fazer os serviços domésticos; não sou uma boa dona de casa; sou um objeto de luxo, um capital mal empregado, como o nosso casarão de Regoledo, que nos custa um despropósito para mantê-lo e não rende nada.

Fui então até a casa de uma conhecida minha, que é a filantropia encarnada. Não como Cristo, encarnado num jovem tão belo de virar a cabeça a Maria Madalena. Ela está encarnada há meio século em uma matrona, nem um pouco bonita e um pouco pedante, que não faz ninguém perder a cabeça e não suscita nenhuma paixão.

Ela recebeu-me como se recebe uma ovelha perdida que volta ao curral, arrastou-me por toda Milão na sua carruagem, fez-me ficar sentada nas cadeiras

1 COLOMBI, marchesa. **Prima Morire**, Milano: Galli, 1887. O trecho traduzido foi extraído de MORANDINI, G. op.cit. p. 137-145.

2 Aluna do VII semestre do Bacharelado em Letras - Tradutor em Português e Italiano, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

duras da sala de espera do Orfanato, levou-me até ao doutor Pini, o qual, como aperitivo, mostrou-me os casos mais bem sucedidos da sua coleção de pequenos raquíticos. Finalmente, depois de ter batido em tantas portas, como se fosse eu que andasse pedindo esmola, fiquei sabendo que o doutor Pini inscrevera-me no serviço beneficente de coleta de papéis reutilizáveis e a senhora X aceitou-me na proteção das órfãs pobres.

Pareceu-me ter crescido um palmo. Sentia-me honrada com minha dupla missão.

Ao longo do caminho, cada vez que via um senhor com papéis no bolso do casaco, sentia vontade de pedi-los para colocá-los no cesto da *Filantropia sem sacrifício*. Ficava tentada de recolher os papéis sujos do chão ou arrancar os cartazes das paredes.

Em casa, sequestrei os jornais do meu marido, as cartas ainda não abertas, os livros da Marichita, a única que se prestou, de bom grado, a privar-se deles para sempre. Ofereceu-me até a caneta e o tinteiro com verdadeiro entusiasmo.

Aos meus olhos, a caridade convertia todos os papéis do mundo em papel a ser recuperado. Até mesmo as notas de dinheiro.

Tome cuidado com esta carta que estou lhe mandando. Conserve-a. É apenas um empréstimo, somente para leitura, e deverá devolvê-la porque a propriedade de toda a minha correspondência é destinada à *Filantropia sem sacrifício*. Não deixe de responder-me para aumentar a minha provisão.

Contudo, aquela caracterização — *sem sacrifício* — tornava a empreitada insuficiente para o meu fervor de neófito.

A assistência aos órfãos pobres era um desafio bem maior. Defender um grupo de jovens virgens dos perigos do mundo!

Todo o dom-quixotismo de que era capaz o meu coração inflamou-se diante daquele moinho de vento.

A partir daquele momento, senti-me responsável pela honestidade de todas as órfãs da paróquia. Em cada doméstica que lavava uma fralda, eu enxergava uma Margarida perseguida por um Fausto arrogante.

Na manhã seguinte, em um horário incrível, entrou no meu quarto a Gigia, amuada, dizendo que haviam chegado duas jovens, uma após a outra, e que estavam esperando por mim na antecâmara.

Ela não sabia que eu protegia as órfãs e vendo aquela afluência de moças, tinha deduzido que eu procurava uma nova camareira e queria demiti-la.

Assim, a primeira retribuição que obtive da minha beneficência foi uma série de repreensões da Gigia, que abriu as persianas com tanta violência que quase me cegou, derramou café nos meus lençóis, apertou o meu espartilho como se fosse um instrumento de tortura, além de me pentear com o coque torto.

Assim que vi minhas protegidas, compreendi que a natureza fizera uma grande concorrência ao Patronato para proteger a honestidade daquelas órfãs.

As colocara a salvo debaixo do escudo de se acharem... feias.

Uma delas era macilentinha, um pouco nanica, um pouco manca, com um rostinho pálido de anêmica. Vinha reclamar por causa de um balde:

“Era absolutamente grande demais para suas forças; eu que sou uma senhora caridosa, deveria ter visto que ela não tinha condições de carregar um balde como aquele.”

Falava no balde como se eu o conhecesse perfeitamente. E enchê-lo apenas uma vez não era suficiente. Era necessário enchê-lo duas ou três vezes todas as manhãs para que todos se lavassem...

Fez uma ladainha que durou meia hora. Depois foi embora, ditando-me a sua ordem do dia, nestes termos:

Intimar seus patrões a comprar um balde adequado às suas forças — deveria ser um dedal — e a lavarem-se *com moderação*.

A outra era uma criatura magricela, comprida como uma torre, escura, magra e ossuda, como aquelas galinhas velhas que procriaram por dez gerações.

Se algum dia um Fausto importunou aquela Margarida, devia ser no tempo de sua decrepitude, antes que Mefistófeles o rejuvenescesse.

Contudo, este Fausto existia de fato. Mas a pomba assediada pedia proteção contra a patroa, não contra o assediador.

A patroa não queria que ela falasse com o cocheiro, fazendo-a perder um bom partido, já que era um rapaz valoroso, ajuizado e que realmente gostava dela.

De fato, ele devia gostar mesmo dela para perdoar-lhe aquela aparência, a menos que fosse por prudência, para resguardar-se de sentir ciúmes.

Mais tarde, veio uma jovem exorbitantemente saudável, vermelha como um tomate, com o nariz achatado e uns poucos fios de cabelo despenteados sobre a testa, atarracada, rechonchuda, sem nenhuma elegância nem graça.

Esta não tinha queixas a fazer. Estava bem; tinha vindo somente para se apresentar; tinha bastante tempo para isso porque a família dos patrões estava no campo e ela estava em Milão, sozinha com o patrão.

Sozinha com o patrão! Meu senso moral revoltou-se àquelas palavras. É a isso que essas pobres moças estão expostas! Perguntei-lhe:

— E é claro que ficar sozinha com ele te desagrada, não é?

— Oh, não senhora, eu gosto.. Tenho afeto por ele, pobre marquesinho!

Um marquesinho!

Eu estava suando frio. Era tarde demais para evitar o mal. Precisava pensar em como remediar. O marquesinho tinha que se casar com ela; o Patronato tinha o dever de obrigá-lo a esta reparação. Desde que ele não fosse menor de idade, porque, então, a família poderia se opor...

Tremendo, eu perguntei:

— Quantos anos tem o marquesinho?

— Setenta e nove.

Era outro moinho de vento.

O pobre homem era um paralítico: haviam reduzido o seu título com um diminutivo porque era nanico e torto.

Não havia mesmo maneira de executar a minha missão. As moças eram feias, os patrões, aleijados e decrepitos, os cocheiros, ajuizados e bem intencionados; tudo ía bem — *tout pour le mieux dans le meilleur des mondes*. O Patronato era uma sinecura.

Perguntei àquela jovem se não havia outras órfãs trabalhando como doméstica na minha paróquia.

Como doméstica não; mas havia uma que trabalhava para uma passeadeira, na mansarda do meu próprio edifício, no primeiro pátio, onde temos as janelas dos quartos guarda-roupas e dos quartos dos criados. Falei disso com a Gigia, que logo disse :

— Ah, a Mariettina. É a coqueluche do bairro. Ela fica bem lá em cima, quase no telhado; mesmo assim, todos os rapazes que passam apóiam-se na parede, para não caírem para trás, mas não vão embora sem tê-la visto.

Mandei que a chamassem. Ela respondeu que não precisava de nada. Que quando ela estivesse sem trabalho, ela também sabia que existia um Patronato e que este era obrigado a lhe dar assistência.

Pouco depois, Gigia veio dizer-me que, no pátio, o jovem da loja para a qual a jovem trabalhava, estava chamando Mariettina.

Fui até ao quarto guarda-roupas, para vê-la.

O vendedor da loja gritava:

— E os colarinhos daquele senhor de ontem? Ele está com muita pressa.

E Mariettina respondia, sem se descompor:

— Se ele tem pressa, então que corra.

— Ele está esperando por eles.

— Pede para ele esperar sentado. Eles não estão sequer engomados.

— Mas ele precisa ir.

— Deseja boa viagem e que se cuide para não perder a bolsa.

— Mas ele já pagou e quer a sua mercadoria. O que devo dizer?

— Que lhe mando muitas lembranças: que sou a Mariettina e que sou mais loira que ele. E se ele não acreditar, que venha ver.

Apesar da sua vulgaridade, inflamei-me de santo zelo pela honra daquela bela jovem.

Aquela facilidade com que ela convidava os homens a se certificarem da cor do seu cabelo era muito perigosa. Era realmente necessário exercer a missão do Patronato.

Mas a Mariettina não quis saber de ser protegida.

Disse que tinha bons braços e que, para viver, ela se garantia e não nos devia nenhuma explicação. À minha camareira, ela respondeu:

— Diga à sua patroa que quando eu estiver por morrer irei até ela para que ela recomende minha alma a Deus. Mas, por enquanto, ela não precisa se meter na minha vida, porque, de morrer, eu não tenho pressa.

Pensei na velha história de Maomé e da montanha e eu mesma subi até a passeadeira: uma jovem grande e grosseira me recebeu muito mal e grunhiu:

— Bem se vê que os ricos não têm nada a fazer, para andar desse jeito a meter o nariz na casa dos outros.

Em seguida, Mariettina me disse:

— Ouça senhora, no verão, a senhora vai para o campo, não é mesmo? Para apanhar um pouco de ar fresco. Eu, que não tenho casa no campo, apanho ar da sacada.

— Mas tem sempre algum rapaz na rua quando tu apanhas ar.

— O que é que a Senhora quer? Que eu coloque um guarda na esquina da rua para que não deixe passar os rapazes?

E, com acento de zombaria, acrescentou:

— Se o Patronato quiser colocar um...

Ela estava esplêndida com a expressão esperta, fresca, como uma rosa, iluminada por dois grandes olhos azuis, sob uma auréola de cabelos dourados, caprichosamente desalinhados. Com indulgência materna, eu lhe disse:

— Mas, ao menos, você poderia não ficar rindo com os homens que passam.

— Como! — exclamou com um espanto nem um pouco engraçado — Fiz-eram um Patronato para proibir-nos de rir?

— Você sabe bem que não é isto que quis dizer.

— Então, saiba que quando se trabalha o dia todo, se tem o direito a um pouco de alívio. As Senhoras vão ao teatro com os ombros nus, para se divertir; eu me divirto rindo com os ombros cobertos. Custa menos.

— Mas toma cuidado, porque rir com os rapazes poderia te custar mais.

— De novo com os rapazes! Fique tranqüila: não vou comer os seus jovens.

E levada pelo despeito, voltou a falar, em modo ácido:

— Eu não sabia que eles passavam para a Senhora.

Pareceu-me que nem mesmo a minha missão de patronesse obrigasse-me a tolerar estas cenas; e me retirei.

Mas estou desanimada.

Como se faz... como faz o Senhor para exercitar essa virtude que vem pregando? A empresa é muito difícil. Cristo encontrou um terreno fácil. Bastava ele falar com Maria Madalena para que ela jogasse suas jóias às urtigas e usasse seus cabelos para secá-lo. Receio que me lavaria pouco se esperasse fazê-lo com as lágrimas da Mariettina e enxugar-me com seus cabelos loiros.

No entanto, o senhor é virtuoso e caridoso, no mesmo mundo e na mesma época em que eu vivo.

E eu não sou uma tola. O que é que o mundo tem para nos embrutecer tanto?

Além do mais, caro mestre, não sei se me será útil a metamorfose que as suas nobres idéias tem operado no meu coração. Serei uma desajustada na sociedade de pigmeus na qual terei que viver, e esses, que não mais me compreenderão, me considerarão enlouquecida.

Há momentos em que temo de também acreditar nisso. Sinto-me invadida por uma tristeza profunda e tenho uma grande necessidade de chorar.

Não é o pranto desconsolado pela perda das coisas que nos são caras, nem é o pranto gelado do ceticismo de quem não tem nada em que acreditar ou amar. É o pranto sofrido de uma grande aspiração que não se pode alcançar.

Meu coração é movido por um imenso afeto por toda a humanidade: amo a todos os meus semelhantes, com ternura, e soffro por não poder dizê-lo, não ser capaz de externá-lo com ações concretas.

Eu acho que todos os seres humanos deveriam tratar-se por tu. Gostaria de parar na rua as mulheres dos pescadores e abraçá-las, e chamá-las de amigas.

Às vezes, retrospectivamente, faço um interminável castelo no ar. Imagino-me nascida em um país protestante e casada com um sacerdote.

Teríamos uma casinha isolada, em uma daquelas localidades da Inglaterra cujos nomes terminam em *shire*. Eu seria a esposa modesta e a confidente do homem de Deus. Trabalharia por ele e com ele.

Ele me diria onde estão os pobres a serem socorridos, os doentes a serem ajudados, os moribundos a serem confortados. De manhã sairíamos juntos e, à porta de casa, trocaríamos um aperto de mãos e depois, cada um iria de um lado, para cumprir a santa missão do bem.

E à noite, reencontrando-nos junto da mesa de eremitas, daríamos conta, um ao outro, das obras feitas, das impressões provadas. E, no abraço de amor, nos pareceria abraçar a humanidade e diríamos:

— Deus nos bendiga, porque fizemos o bem.

Parece-me que a vida, assim empregada, decorreria fácil e serena.

Que mal nos poderia fazer o mundo? Seríamos pobres e as grandes crises financeiras não poderiam tirar-nos nada. A maledicência não perturbaria a nossa paz porque a nossa consciência teria feito na virtude um tal baluarte de segurança que nos tornaria capazes de desafiar qualquer ataque.

Eu acho até que gostaria de ser caluniada para poder perguntar ao companheiro da minha vida:

— Tens fé em mim? E por ouvi-lo dizer:

— Sim, tenho fé.

E, de mãos dadas, caminharíamos tranquilos e seguros pelas tempestades da vida.

Meu marido é bom, generoso, amorosíssimo. Mas tenho certeza que morreria de rir ao ouvir esta idéia de convertê-lo em *clergyman*. Se lhe dissesse isso, ele

logo iria fechar o seu cofre, por medo de que, em um momento de exaltação, eu jogasse as suas ações e os seus títulos do tesouro aos peixes do lago.

Ele ama a boa comida; a minha mesa de eremitas o faria estremecer.

Fico feliz que o céu tenha-me concedido ao menos um amigo a quem possa falar dos meus devaneios, com a certeza que ele os compreende e os ouve.

Para mim, nunca se realizarão: deverei viver sempre dividida entre a poesia dos meus sonhos e a prosa da vida objetiva.

Mas aquilo que não posso mais obter para mim o desejo para o senhor, mestre.

O senhor é artista. Este batismo do gênio o eleva acima dos homens vulgares, lhe dá o direito de não aceitar as leis egoístas e estreitas que regem o mundo e de viver como lhe aconselham a sua mente e o seu coração.

Quando escolher uma companheira, estou certa de que não a procurará no grupo das senhoritas que esperam um bom partido, que falam sem entusiasmo, que não leem romances, que não vão ao teatro, que fazem um mundo de simulações para se manter aparentemente ingênuas, às vezes, até aos vinte e cinco anos, a custo de parecerem tolas, em benefício daquele ser impessoal que amam idealmente, sob o nome, nem um pouco ideal, de bom partido. E assim que o encontram, apressam-se a conseguir um enxoval, roupas, jóias, para poder amá-lo devidamente enfeitadas com trajes específicos para cada ocasião, para a manhã, para receber convidados ou para sair, como manda a etiqueta, como eu mesma fiz.

O senhor se casará com uma mulher inteligente, boa, corajosa como o senhor, que o amará pelo seu talento e pelo seu caráter, independentemente do seu valor enquanto *partido*. Ao invés de representar a comédia da ingenuidade, ela terá um belo coração, leal, e terá ideais, princípios, aspirações que corresponderão aos seus ou, quem sabe, serão opostos. Mas sempre de um nível elevado, superior e alheio às pequenas misérias da vida, frívola e fofoqueira, do mundo elegante.

E se sentirão unidos no vínculo suave e forte de duas almas que se compreendem e se ajudam nas dificuldades da vida.

Que Deus o abençoe, mestre, e à mulher que o fará feliz.

Eu os contemplarei de longe como uma bela obra de Deus, a mais nobre manifestação do amor e da virtude, como certas cenas de glória que se sonham e que continuam, por muito tempo, como uma visão consoladora e solene, um ponto luminoso na escuridão da vida.

EVA MALVEZZI

Um sonho de amor¹

Leda Rafanelli

Tradução: Carla Maicá Silva²

Ela tentaria não amar demais aquele jovem; sentia-se demasiadamente inferior. Ele avançava cheio de confiança para a vida, enquanto ela, quatro anos mais velha, tinha um temperamento austero e padecia de pessimismo. Naquele momento acreditava amá-lo como amigo, envergonhando-se de pensar nele de outra maneira. Mas, quando lembrou que os três jovens haviam combinado de vir à sua casa no dia seguinte, sentiu o sangue correr pelo coração, cortando-lhe a respiração, dando-lhe febre.

Não conseguia dormir. O relógio continuava tocando as horas, os quartos de horas, as meias horas, rapidamente, como se o tempo tivesse pressa de acabar. A jovem mantinha os olhos fechados e ficava imóvel tentando adormecer, mas no fundo negro das pálpebras, evocado pelo pensamento, ele ressurgia sempre, sempre, como um desafio à sua tranquilidade.

Quando o amanhecer clareou as janelas com seu primeiro alvor, Ana caiu em um sono intenso, sonhando com ele.

(...)

Eles tocaram forte a campainha, bateram a porta e entraram no cômodo que se encheu com as suas altas figuras masculinas. Ana sentiu um arrepio ao apertar a mão dele e logo notou, com uma ponta de orgulho, que os companheiros o estimavam muito, que o escutavam quando falava e, embora fosse o mais jovem de todos, inclusive que ela, ele tinha uma maneira tão convincente de falar que parecia mostrar uma longa experiência de vida.

Ana, feliz, respirava o eflúvio de tanta juventude, com o rosto vivificado, com os olhos que não conseguiam afastar-se dele. E estava feliz pela indiferença

¹ MORANDINI, G. Op.cit. p. 286-296.

² Aluna do VIII semestre do Bacharelado em Letras - Tradução em Português e Italiano da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS.

dele, porque, assim, podia observá-lo à vontade e fixar na sua mente todos os detalhes de seu belo rosto, na esperança de podê-los recordar para sempre e, com estas recordações, enfeitar os seus sonhos. Os seus olhos claros a enchiam de ternura, num desejo de fechá-los com beijos lentos, apaixonados, quase maternos, enquanto seus cabelos castanhos e abundantes, com suas pequenas ondas retorcidas proporcionavam-lhe um atordoamento voluptuoso, fazendo-a imaginar noites de amor, horas infinitas de beijos, que deixam os cabelos retorcidos como que abraçados entre eles.

Todos discutiram longamente sobre questões políticas, encontrando-se de acordo ora com Fábio, ora com ela. Entre eles surgiram as primeiras divergências. Haviam aberto alguns jornais sobre a mesa, tirado livros das prateleiras para criticar ou elogiar seus autores; haviam empilhado os chapéus em cima de uma cadeira e sujado todo o quarto com pegadas lamacentas.

Deste modo, haviam trazido ao quarto um toque de vida, com a desordem de suas vozes, com o fumo de seus cigarros. Às vezes, para serem entendidos, gritavam alto dos dois lados da mesa ou caíam em sonoras gargalhadas porque um deles havia expressado uma ideia equivocada. Somente Fábio estava mais contido, fumando lentamente, falando pouco desde o início, como alguém que pesa o valor das palavras. Ele falava ironicamente, escondendo o seu pensamento atrás de um simpático sarcasmo. Os seus olhos claros fixavam-se frequentemente como se aquele sonho íntimo que só ele conhecia apoderasse-se novamente dele. Depois, enquanto Ana expressava as suas idéias, ele interveio, falou, não aprovando muitas e muitas delas, sempre impetuoso na sua contestação.

Os dois divergiam em suas convicções e Ana deu-se conta rapidamente disso. Nela pulsava a alma rebelde, o desejo de uma vida de lutas, um profundo desprezo pelas batalhas estéreis baseadas em *legalidades subversivas*. Ele, ao contrário, era o calculador, era o esteta que sentia uma secreta repulsão pela multidão esfomeada e gritante nas praças. Nas greves, ele só queria manter a calma afirmando que a solenidade do protesto sem um grito é mais forte que a revolta louca que berra e fere a inconsciência.

Ele odiava, com um ódio próprio aos seres superiores, as brutalidades contra o inimigo, a rebelião do indivíduo, o ímpeto revoltoso do incêndio e do saque. Ele queria as batalhas civis, as lutas eleitorais, as grandes discussões parlamentares, as conferências ouvidas com o respeito devido às personalidades mais marcantes. De outro modo, seria o *caos*. Para ele, o antiparlamentarismo de Ana era um pressuposto exagerado, uma ação negativa. Com que meios ela teria feito boas leis para os operários?

Mas a palavra *lei* acabou irritando os dois. Ana dizia abertamente que o proletariado não se importava com as “leis”, que ela definia como o novo grilhão a acorrentar o povo escravo. No seu ideal, não havia Estado, mas a liberdade completa, o triunfo da sociedade comunista.

Agora era ele que estava assustado, com seus grandes olhos maravilhados,

fixos sobre ela! Que sonhos de loucos! Somente o coletivismo poderia colocar a sociedade sobre uma base verdadeira! A produção regulada ao consumo, o consumo regulado ao trabalho. Não, não, não estavam de acordo.

A questão do divórcio desencadeou uma verdadeira tempestade. Nem mesmo isso ela aceitava? Nem mesmo aquela lei, boa e civil, ela iria apoiar? Mas quando ela disse que, se dois amantes ou esposos querem se deixar, eles não precisam de uma lei para fazer isso, ele balançou a cabeça com um sorriso de compaixão.

Era uma idealista! Agora ele entendia... Esta convicção, que para ele era tão regular e baseada em algo positivo, ela a convertia em um sonho utópico.

Estavam de acordo com a questão do antimilitarismo até que os métodos para combater aquela batalha os dividiram mais uma vez. Ele, de novo, aceitava somente a batalha parlamentar contra as despesas improdutivas. Ela protestava e se esforçava para fazer-lhe compreender a infertilidade de tal ação. Não, para ela, era preciso algo bem diferente! Era preciso fazer propaganda antimilitarista aos jovens e aos soldados e o resto viria sozinho. Por que esperar tudo do parlamento, dos meios legais, das lutas eleitorais?

Agora ela falava em voz alta, com o rosto vermelho, olhando-o com uma paixão ainda crescente à medida que o confrontava. Discutiram longamente, sempre divididos por suas almas desiguais, por suas mentes que concebiam o mesmo ideal de modo diferente. Ele desejava que as coisas funcionassem da melhor maneira possível, sem abalos dolorosos, sem lutas violentas. E enquanto ela falava da necessária distribuição da sociedade corrompida e desgastada, descrevendo com uma entusiasmada expressividade a luta futura, a morte inevitável dos combatentes pelos direitos contra os que negavam esse mesmo direito, Fábio, que estava sentado em frente à Ana, levantou-se e, erguendo a cabeça orgulhosamente, a interrompeu:

— Mas porque derramar sangue! Já não derramamos o bastante? Com a evolução natural dos homens, no futuro, os proletários conquistarão tanta *civilidade* — enfatizou esta palavra abrindo muito os seus olhos claros — e os burgueses compreenderão tão bem a situação, que as duas classes se reconciliarão sem necessidade de violências e de lutas... Politicamente, já avançamos neste caminho: nas últimas eleições...

Mas foi ela então que o interrompeu. Eis que ele se perdia novamente na ilusão da conquista do poder. A sua alma revolucionária não estava de acordo, elevava-se sobre estas tantas pequenas ambições satisfeitas, que a seguir eram chamadas *vitórias proletárias*. Por que se cansar, se esgotar, perder de vista a meta, para criar leis que precisaria desfazer? Era absurdo. Não compreendiam que as leis eram como grilhões que, com o tempo, precisariam ser rompidos, já que o contínuo progredir da humanidade pediria sempre mais liberdade e mais independência?

Depois riu e provocou gentilmente Fábio pelo seu otimismo: era linda a ima-

gem da burguesia que cede as armas e o poder em nome da igualdade humana. Os reis, claro, desceriam de seus tronos e depositariam os seus cetros e suas coroas sobre as bigornas, para que, com eles, fossem forjados discos de arado em ouro.

E, visto que todos riam, Fábio colocou um problema: diante da violência burguesa, era necessário usar a violência proletária?

Ana e mais um companheiro diziam que sim. Fábio e o outro diziam que não. E voltaram à eterna questão, que Fábio, mais uma vez, expôs falando de civilização, com os seus belos olhos abertos olhando o companheiro que discor-dava, como se, com aquele olhar, ele quisesse preparar a vitória da sua palavra. Mas todos mantiveram a mesma opinião e Fábio disse:

— Vejam, se votássemos como se usa nos parlamentos, ninguém seria ven-cido: dois votos de uma parte e dois da outra.

Mas Ana disse que a maneira de ver as coisas era também uma questão de caráter. — Os mais calmos lutam com os meios legais, os mais corajosos...

— Violentos! corrigiu, Fábio.

— Que seja então: os mais violentos, mesmo lutando com todos os meios legais não desdenham os extralegais. Talvez ambos façamos um bom trabalho: para quem colhe em feixe as espigas de trigo, que depois darão o pão ao homem, precisará sempre da foice que racha e corta sem piedade! E como querem fundar as novas bases da sociedade se o terreno é obstruído pelo inimigo e os cárceres são abarrotados dos nossos companheiros?

— É verdade — disse Carlos, um jovem inteligente e de temperamento calmo — mas temos a esperança que na luta final...

— Tudo bem, na luta final a aceitaremos — exclamou Fábio.

— Se a aceitarmos, temos a esperança que, na luta final, não se derrame tanto sangue...

— Nosso sangue! — completou a jovem.

— Ah! — disse Fábio balançando a cabeça — você é implacável. Você odeia! Você ama mais a morte que a vida!

— Não, não, exclamou a mulher — amo a vida, e é justamente para que ela seja bela para todos que eu aceitarei todas as lutas.

— Certo, agora estamos de acordo! — disse ele estendendo-lhe a mão — Eu também amo a vida, nada é mais bonito para mim, nada é mais desejável do que viver.

Ana olhava o seu belo rosto, os seus olhos luminosos, a bela figura esbelta e robusta. Sim, ele podia amar a vida, porque graças a ela ele iria conhecer todas as doçuras! A boa saúde o tornava calmo, a sua inteligência o deixava condescen-dente, a sua juventude e a sua beleza lhe permitiam todas as esperanças. Contudo, um pouco soberbo, ele não admitia que alguém pudesse considerar suas ideias equivocadas: quando isso acontecia, os seus grandes olhos claros tinham a frieza do aço e a sua voz fazia-se ríspida na ironia cortante das frases.

Quando os jovens foram embora, Fábio, apertando a mão de Ana, lhe disse

com um sorriso de homem superior:

— Os catastróficos são loucos, cara companheira! Para vencer é preciso cálculo, prudência e mente equilibrada, entende?

Ela sorriu não querendo levar a sério esta frase. Mas depois, sozinha, repensando no acontecido, pareceu-lhe uma primeira adaptação à ideia dele e isso a deixou triste.

Desde aquele dia, Ana admitiu que amava Fábio. Num primeiro momento, este amor a deixou feliz. Uma alma nova despertou nela e conheceu momentos de verdadeira alegria juvenil. De volta à fábrica, em vez de sentir medo, agora que o conhecia e não precisava mais passar horas na praia para vê-lo, trabalhava com o pensamento livre, a mão ágil desenhando com mais arte, vibrante de uma música que tocava no seu íntimo.

Ele estava em cada pensamento seu e ela parecia sentir-se envolvida pela luz dos seus olhos. Mas esta luz ainda não a fragilizava, ao contrário, lhe fervia o sangue e a incitava ao trabalho... E à noite, quando voltava para casa, sentia-se tão forte que achava mais fácil dedicar-se às suas ideias, escrevendo de forma mais ousada, mais rebelde, transformando frases em desafios.

Mesmo assim, ela não ousava esperar que ele a amasse. Ele era o ideal inatingível, mas que tornava a sua vida bonita. Naquele breve período, ela saboreou toda a volúpia de viver, observou e achou bonitas todas as coisas mais insignificantes que ela nunca havia observado até então.

Ao entardecer, olhando para o horizonte, ela gostava de sentir suas pupilas irradiarem-se com a luz vermelha do sol que emanava brilho e beijava o mar e bebia o perfume das flores com sensações voluptuosas. E pela manhã, indo ao ateliê, ela passava pela avenida, olhando as árvores com uma estranha curi-osidade, como se nunca as tivesse visto, sentindo-se leve e contente a ponto de perder-se pela rua, caminhando devagar, com as saias que arrastavam levemente no chão, aspirando a plenos pulmões o ar fresco e perfumado da manhã.

Já à noite voltava para casa pelo caminho do mar. Porém, não ia mais até a distante enseada, temendo de vê-lo novamente nu: agora que o amava, aquela carne lhe teria dado febre. Não, agora, passando pelo porto, sentava-se nos grossos pilares onde se amarravam as embarcações. Os barcos vermelhos e brancos, os marinheiros bronzeados, o sol, o cheiro salgado que o vento car-regava, o ranger das correntes, o som das sirenes, o leve balançar dos barcos presos tinham agora para ela um encanto especial, um senso de beleza antes desconhecido e que agora a fazia estremecer de ternura.

E agora ela também sentia uma intensa compaixão por todas aquelas pes-soas que lhe pareciam privadas de amor. Vendo as mulheres de uma certa idade, magras, mirradas, vestidas com alguma pretensão, sentia-se vencida pela piedade e pela comiseração. Como lhe comoviam aquelas pobres criaturas sem amor que via andar pelas ruas, envelhecidas e sem rugas, como definhadas em

uma longa e vã expectativa de um abraço fecundo! Pobres mulheres que, nos apagados olhos, não tinham mais nenhum raio de esperança e que andavam em direção a um futuro incerto, como se estivessem envoltas numa imensa tristeza. E agora que não se sentia mais igual a elas, a comoviam mais ainda.

Agora ela tinha a impressão de ter o coração cheio. Finalmente havia preenchido o seu pensamento apaixonado com um sonho alto e inatingível. Sentia que, agora, ao lado de seus ideais austeros, ela tinha a luz clara daqueles dois olhos radiantes que ainda lhe faziam provar o amor.

Desde a noite em que o conheceu, Ana encontrara Fábio pelo menos seis ou setes vezes mais: na rua, onde tinham trocado uma saudação rápida com um aperto de mãos que bastava para fazê-la feliz, nas sociedades operárias aonde os dois tinham ido para ouvir alguma palestra, ou à noite, no café, aonde ela também ia, agora que tinha conhecido aqueles novos companheiros.

Aliás, lá no café, uma noite, eles ficaram até uma da madrugada sem que nenhum deles se tivesse dado conta do passar das horas. Eles tiveram uma longa discussão ao redor da mesa, uma pequena mesa que sumia em um canto, longe da porta, no meio do ajuntamento de jovens sentados em volta. Falaram e riram muito, trocando palavras espirituosas e mordazes e expondo ideias paradoxais que provocavam coros de gritos e de protestos, os quais, como sopros de vento, varriam a névoa cinza da fumaça espessa dos cigarros. Eram os últimos dias de agosto e o calor ainda era sufocante.

Como voltava feliz para casa naquelas noites! Não sentia desejo algum, não pretendia nada mais. Mandava que a irmã fosse para a cama ou ficasse para conversar com os velhos companheiros, aos quais, muitas vezes, de um tempo para cá, ela preferia os mais jovens. E ela saía e passava as suas noites com o grupo daquela juventude simpática, cheia de vigor e energia, mas que escondia a seriedade das próprias ideias sob o sarcasmo do seu humor elegante. Naquelas mesinhas atravancadas de xícaras vazias e de restos de cigarros, eles ficavam por horas, criticando o mundo inteiro, rindo de todos; faziam os projetos mais estrambóticos e sustentavam os mais fantásticos paradoxos. Brigavam muito entre eles, mas esqueciam logo tudo, emprestando-se os seus cigarros, já que não podiam ainda se dar ao luxo de oferecê-los, apesar dos hábitos elegantes e das roupas na moda.

Quase todos tinham criado uma viva afeição à Ana, gostando sinceramente dela, já que não era bonita, considerando-a, justamente por isso, como um verdadeiro companheiro, acostumando-se a vê-la ali, sentada como eles num banquinho, com os cotovelos apoiados em um canto da mesa de mármore molhada de água e café. Quando ela falava, com a sua voz baixa e agradável, eles a escutavam com prazer, incitados pelo impulso da juventude, pronto a abraçar as ideias mais ousadas. Geralmente era Fábio que a enfrentava, com seu jeito irônico, sentindo por ela talvez uma leve antipatia.

Ainda que Fábio não estivesse todas as noites no café ou nas sociedades e

ainda que não o encontrasse sempre na rua, Ana estava contente assim mesmo. O amor que ela sentia por ele era tão profundo que ainda não provava o desejo ardente de possuí-lo. O amava como se ama uma coisa abstrata, distante, pensando nele como se ele fosse inalcançável. Por outro lado, agora, graças à tranquilidade que sentia novamente dentro de si e ao desejo satisfeito de tê-lo conhecido, de poder falar com ele, ela tinha voltado à luta por suas ideias com aquele ânimo que dá o remorso. Tinha quase a impressão que, por um instante, ela havia esquecido a sua meta e procurado avançar por um caminho diferente.

Agora voltava a trabalhar de dia e de noite, para seu sustento e pelas suas ideias, sustentada por aquele sonho que lhe dava a impressão de um raio vivo de sol no cinza de sua vida.

Eram os primeiros dias de setembro e nada era mais doce e sereno que aquele outono. No final de agosto duas fortes tempestades haviam refrescado o ar. Depois, houve uma sucessão de dias luminosos e serenos, com um mar calmo, abençoado pelos velhos pescadores. Era uma estação morna que dava uma sensação de doce sonolência.

Ana entregava-se a esse torpor de seus pensamentos, vivendo uma vida nova até então desconhecida. No início, ela não percebeu esta mudança e continuou a viver e a se sentir feliz e satisfeita.

À noite, depois do trabalho, Ana escrevia um pouco. Depois saía com seus novos amigos e aquelas duas horas de despreocupação estonteavam-na, aniquilavam-lhe os pensamentos. Em certos momentos, pensava que no passado ela tinha sido demasiadamente pessimista ao não enxergar nada de belo na vida. Por que era tão triste ao ponto de nunca sorrir? Era provavelmente por causa da sua alma cética que ela só escrevia coisas tristes e dolorosas, de miséria e de prantos.

Por isso, agora, quando escrevia, ela procurava fazê-lo de outra forma. Começou a escrever um conto de amor de cunho social. Um conto simples que, páginas após páginas, continha sua própria vida.

Naquele conto, sem perceber, falou dele, do jovem amado, relendo aquelas páginas a cada instante, como para não se cansar pensando com seu coração. Os seus jornais prediletos não contaram com a sua colaboração por algumas semanas e, quando solicitada pelos companheiros distantes, ela começava a escrever, sentia que as ideias não vinham, que as suas frases surgiam com dificuldade e que a sua pena havia perdido a força da sua rebelião.

Mas isso ainda não a atormentava: sentia ainda muita firmeza nas suas ideias que, aliás, ela preservava em si com uma paixão ciumenta, como se intuisse que só aquelas ideias poderiam um dia salvá-la.

Enquanto isso, abandonava-se ao sonho, sorrindo com um estranho sorriso levemente inconsciente. Parecia-lhe que se sentia mais jovem e mais feliz do que as outras vezes em que tinha amado. Parecia-lhe que estava caminhando numa

estrada plana e fácil, cheia de flores escondidas, mas que a atingiam com o seu perfume. Somente nos momentos de racionalidade, no fundo, ela via o abismo.

Mas com o passar dos dias, ela sentiu-se perturbada por não conseguir mais dedicar-se às suas ideias. Estaria ela deixando-se vencer e transtornar a tal ponto por esse amor que, desde o início, havia considerado impossível? E admitiu, aterrorizada, que as suas convicções estavam enfraquecendo em sua mente. Agora, só pensava nele, somente a lembrança daquele homem dava-lhe força para escrever. Mas não eram mais as palavras rebeldes que a sua pena escrevia sobre o papel, nas horas silenciosas da noite. A força e a ousadia que a haviam sustentado nos primeiros dias desse amor pareciam desaparecer agora em uma incerteza dolorosa. Quando, obrigando-se à reflexão, pensava nas questões sociais, de repente, ela voltava no pensamento àquilo que ele lhe havia dito na noite anterior. Quando escrevia para um jornal, levava uma hora para encher meia páginas de frases mal construídas, com os braços largados e a mente perdida em devaneios que nem mesmo ela compreendia. E quando tomava consciência do que estava acontecendo, ela não tinha coragem de convencer-se de que o bonito jovem moreno, com a vivacidade da sua alegre juventude, dominava a sua mente, descartando pouco a pouco as ideias severas e rebeldes que antes o moviam.

Quando ela tomou plena consciência deste deste, ficou arrasada. Foi numa noite em que um velho amigo, ex-jornalista, procurou-a para falar sobre o seu trabalho. Ela teria que passar um dia fora de casa, para combinar a fundação de um jornal com outros companheiros. Como ela era muito boa em cálculos, poderia ser de grande ajuda para aqueles bons operários que sozinhos nunca conseguiriam. Os operários o haviam convidado, mas ele tinha outro compromisso: ir a uma cidade vizinha, participar de um comício, que, segundo ele previa, acabaria em manifestação, que iria provocar a intervenção do exército. Portanto ele não poderia faltar.

Então, tinha pensado nela, confiante de que ela não se negaria. Era no próximo domingo. Estava livre e a viagem era curta. Iria?

Ela recusou. Era a primeira vez que, sem nenhuma razão, ela se negava a prestar serviço em prol da propaganda de suas ideias. Com voz fraca, em razão da luta que travava em seu íntimo, alegou um compromisso urgente e o companheiro acreditou. E como não acreditar conhecendo o seu amor pelo ideal comum.

Mas depois que Francisco, o companheiro jornalista, fora embora, após um forte aperto de mão, cheio de afeto por aquela moça que sabia ser boa e corajosa, ela se sentiu pequena, vil, mesquinha. Tinha se recusado de ajudar para persistir no seu tolo sonho de amor.

O amanhã¹

Neera

Tradução: Jorgeta Da Rold²

Achei que alguns poderiam torcer o nariz ao ler o título deste livro, L'indomani [O amanhã], vocábulo que não todos aceitam; e alguns críticos, como acontece algumas vezes, poderiam concentrar toda a sua acuidade ao frontispício, defraudando a obra de um exame inteligente, que é o melhor prêmio que todo escritor possa almejar. Mudar "l'indomani" com "il domani" não seria difícil. Mas daquele vocábulo, que me veio espontaneamente à cabeça junto com o conceito da obra, eu gostava com uma sorta de simpatia supersticiosa, além dele me parecer mais natural, mais vivo, mais eficaz, mais preciso. Mesmo assim, decidi pedir conselho, aliás, pedi muitos deles, conseguindo apenas aumentar as dúvidas, já que os partidários de il domani e l'indomani multiplicaram-se sem se fundir. A bem da verdade, Manzoni estava da minha parte, pois nos Promessi sposi, ele usa "l'indomani", e com um tal aliado podia entrar na guerra. Mesmo assim, quis ouvir a opinião de um jovem douto, poeta valente e famoso, que, desde Roma, divulga versos excelentes, no conteúdo e na forma. Eis a sua resposta:

"L'indomani teve muitos acusadores, entre os quais, Fanfani, e muitos defensores, entre os quais Nannucci e Gherardini. Alguns escritores famosos usaram esta palavra. A minha opinião é que, enquanto il expressa melhor um dia determinado, l'indomani exprime melhor um tempo continuado. Non si tratta mais de um preciso advérbio, mas de um verdadeiro substantivo. A

1 NEERA. *L'indomani*, Milano: Galli, 1889. O trecho traduzido foi extraído de NEERA. *L'indomani*. www.liberliber.it. p. 4-7 e, em parte (sem a apresentação da autora) de MORANDINI, G. op.cit. p. 158-164.

2 Graduanda no curso de Bacharelado em Letras - Tradução Português-Italiano, pela Universidade Federal do RS.

preposição in dá-lhe este sentido. Sendo sua etimologia purament clássica, nem consigo entender por que razão deveríamos bandir este vocábulo, obrigando a palavra domani a significar um conceito que tem a sua expressão própria na palavra l'indomani."

*
* *

No entreabrir das pálpebras, os olhos de Marta, como de costume, procuraram o quarto familiar, mas, antes mesmo que as paredes, os móveis e a ampla cama a advertissem da mudança, seu coração deu um salto. Estava casada.

Olhou logo para seu marido. Alberto dormia, o semblante tranqüilo, as bochechas rosadas, tão infantilmente plácido e sereno que sua barba parecia de mentira. Marta olhou-o longa e intensamente, vendo, naquele sono obstinado, esquivar-se uma das suas mais antigas fantasias de amor, mas, mesmo assim, contente por velar e quase proteger aquele sono, tomada de uma ternura maternal na qual fundia-se a melancolia de um pensamento oculto.

Ela não podia reprovar o marido por não se ter acordado antes dela, claro; talvez até fosse melhor assim; sim, sim; era melhor. Pensamentos de outra ordem a impeliram de modo veemente, fazendo-a deslizar para fora da cama num ímpeto que mais parecia uma fuga.

E, enquanto se vestia, lentamente, na penumbra do quarto, tomava plena consciência da sua condição de mulher casada; olhando a aliança de ouro que cintilava na mão esquerda, com medo de perdê-la ao enfiar as mangas e refletindo se deveria ou não tirá-la ou não, antes de se lavar. Isso porque ela queria continuar, por toda a vida, fazendo exatamente aquilo que havia feito no primeiro dia. Ela amava a ordem e a sistematização. Queria ser uma boa esposa como sua mãe e como tantos modelos de esposas que ela tinha conhecido nos romances ingleses.

O sonho de sua ardente juventude realizara-se perfeitamente: um homem jovem, simpático, honesto a pedia em casamento, dera-lhe seu nome, a levava consigo. Ou seja, a amava. Era o amor ideal, verdadeiro, indestrutível — *forte como a morte*. A grandiosidade do paralelo bíblico a comoveu; sentiu uma onda de profundo reconhecimento por Alberto, que lhe dava tudo aquilo, e inclinando-se bem de leve, depositou um beijo suave na mão que o marido tinha estendido para fora das cobertas.

Porém, achava estranho ela estar num quarto com um homem que dois meses antes nem ao menos conhecia; que até a semana passada ainda a tratava com cerimônia; que ela sempre vira no clube com a mãe ou familiares; do qual não conhecia o passado, e do qual ignorava os gostos, os hábitos, os afetos, as repugnâncias. Ela, que fora criada na concepção intangível do pudor feminino,

que não mostraria os ombros nem sequer a um irmão, a um tio, acabava de dormir com esse homem!

Era correto, dentro da lei, aprovado pelo código moral e pela religião; aprovado por ela mesma, uma vez que dissera sim, uma vez que gostava de Alberto, uma vez que esperava dele o amor.

Esperava! Mas, por enquanto, sentia-se aturdida, como alguém que anda às cegas com os olhos vendados, chocando-se contra objetos novos e indefinidos, ouvindo a voz dos colegas que gritam — Vamos! Não tenha medo!

Quando lhe apresentaram Alberto, Marta, que então tinha 23 anos e que era inteligente e séria, compreendeu imediatamente, pela ansiedade da mãe e pelo olhar perscrutador dele, que estava concretizando-se o grande momento de sua vida.

O que ela não sabia é que seu destino estava sendo colocado em leilão, havia meses, entre cinco ou seis candidatos escolhidos e avaliados pelas amigas de sua mãe. Por isso, ela quase se tornara, sucessivamente, a senhora De Martini, viúvo, capitão, nobre, homem regrado, com uma situação econômica razoável. Ou então a senhora Valdranchi, tornando-se esposa de Valdranchi, o escultor "da moda", que não tinha um tostão, mas ganhava bem, jovem simpático, para quem choviam aventuras galantes. Fora considerado também Anselmo Bianchi, negociante de grãos, homem simples porém agradável e rico. Três personalidades completamente opostas, mas que, apresentando-se sob forma de marido, ofereciam as mesmas garantias de felicidade para a esposa, segundo a opinião das amigas.

De Martini, alto, esguio, louro, um pouco calvo, muito distinto, pacato, educadíssimo, provavelmente agradaria à Marta. Valdranchi, baixo, vivaz, acostumado a duvidosas companhias, mas com o fulgor da inteligência nos olhos, irrequieto, simpático, devia também agradar à Marta. E não havia nenhuma razão para que Anselmo Bianchi não lhe pudesse agradar. Embora não estivesse mais na flor da idade, era ainda saudável e possuía uma mansão quase principesca dotada de uma imensa estufa, onde Marta poderia satisfazer a sua paixão pelas flores. Esse último aspecto despertou muito interesse no círculo das amigas.

Enquanto discutiam-se as probabilidades de tais casamentos, quando De Martini já tinha sido convidado para um almoço e já se tinha falado para o senhor Valdranchi da incomensurável ventura de ter uma boa esposa; quando Marta estava deixando-se convencer de que os tipos descontraídos do gênero de Valdranchi, com o tempo, tornam-se os melhores maridos, apareceu Alberto Oriani. — Olha só, observou uma prima — que linda combinação: Oriani! E Marta é Oldofredi; nem ía precisar mudar as iniciais. Após-essa feliz descoberta, começaram as negociações.

Alberto Oriani não era totalmente desconhecido da família Oldofredi; a mãe de Marta o conhecera dez anos antes; e depois, na escola, uma Oriani fazia o mesmo curso que ela. Oh! Ela lembrava muito bem; uma moreninha de olhos fulminantes.

Alberto vivia no campo, cuidando de sua propriedade; sozinho, rico, homem honesto, 37 anos, cansado do celibato, com o desejo claramente expresso de se casar para acabar com aquela vida de solteiro. A mãe, os familiares, as amigas de Marta olharam-se e gritaram — É ele!

A seguir, depois de conhecê-lo, Marta também achou que fosse. Depois de ter passado uma noite no teatro, tendo ao seu lado um jovem moreno, amável, com uma flor de baunilha na lapela, com um cheiro delicioso; depois de concordarem sobre a qualidade do espetáculo e sobre o figurino da atriz principal, criando assim uma espécie de simpatia mútua, de acordo moral, Marta aceitou revê-lo, dois dias depois, na saída da missa, e duas outras vezes, quando ele foi recebido em sua casa, como amigo.

Quando chegou o momento de decidir, todos fizeram-lhe notar, e ela mesma notou, apesar do pouco de experiência que tinha, a sorte singular que ela tinha se comparada à média geral das moças. Muitas casam-se tarde, desencantadas e já sem viço; outras jamais se casam; algumas devem satisfazer-se com um velho; outras, com um viúvo; outras ainda, com um de pouca inteligência, com um falido ou com um gago, ou um meio tísico, porque — como dizem as pessoas de bom senso — não se pode ter tudo.

Alberto tinha tudo ou quase. Marta tinha que admiti-lo. E ela alegrou-se consigo mesma pela boa sorte, aceitando com entusiasmo, entusiasmo que não era exatamente por Alberto, mas pelo futuro que Alberto lhe daria. Ela também sabia que assim, de imediato, eles não se amariam, o presente sendo apenas uma preparação. Somente o amanhã iria abrir-lhe as portas misteriosas do amor.

A esse bem futuro Marta estendia avidamente o coração e os braços, em meio aos preparativos febris para as núpcias; indiferente à alegria dos presentes, tocando com mãos distraídas os bordados e as rendas do enxoval, sorrindo suavemente aos cumprimentos, não desfrutando, não agarrando aqueles fragmentos, aquelas migalhas de felicidade que a rodeavam, mantendo os olhos fixos na sua meta. Nem a impressionavam muito as gentilezas de Alberto, nem o beijo que, diante da mãe, ele imprimia em sua mão e, nos últimos dias, no seu rosto. Depois — pensava — quando nos amarmos de verdade, quando seremos a sós!

Marta tivera a primeira preocupação de amor aos quinze anos; não passara de um frêmito, um longo apertar de mãos, um olhar que a fizera estremecer e, a seguir, muitas noites de insônia, muitas horas de tristeza, muitas lágrimas derramadas em segredo. Não houve nenhuma ebriedade amorosa, apenas a intuição de todas as ebriedades. E assim terminara.

Mais tarde, em sociedade, chegara a eleger certos olhos, para prender o próprio olhar, a preferir dançar com um determinado jovem mais do que com outro. Contudo, não podendo permitir esses lampejos de amor, nem solicitá-los e nem sucumbir-lhes, passaram-se oito anos aparentemente vazios e frios.

Quaisquer que tivessem sido os sonhos, os desejos, as esperanças, a espera

destes oito anos, agora, tudo devia chegar a uma término. Na plenitude de seu desenvolvimento como mulher, a alma, os sentidos, o pensamento reclamavam a sua parte à Marta, que, sôfrega, repetia: Depois! Depois!

O altar, o casamento civil, a mãe chorando, a saída da casa paterna, ela via tudo isso envolto em uma nuvem, uma das tantas nuvens que, aparecendo, desmanchando-se, reunindo-se novamente, sob formas e aspectos diferentes, impediam que ela apreendesse a verdade, aquele único ponto essencial onde ela fixava os olhos, mas que ela nunca conseguia alcançar. Nunca estivera a sós com Alberto. Quando estavam juntos, falavam de uma quantidade de assuntos já prontos: o decorador, a costureira, o ourives, os convites, o horário da viagem.

Alberto corria para lá e para cá, atarefado, com uma pilha de papéis para verificar, assinar; sempre sereno e contente.

— É um anjo de bondade! Exclamava a mãe. Marta o olhava intensamente, bem no fundo dos olhos, de modo que ele dizia rindo: Hei! Quer me enfeitiçar?!

— Terminará essa confusão, pensava Marta; ele será meu, todo meu; ainda dois dias, um dia, uma hora...

Marta vestia-se lentamente, em pé no espaço apertado entre as duas camas; amarrando, melancolicamente, a fitinha rosa da sua bela camisola de noiva, parando para olhar a folhagem formada pelo bordado que se destacava em relevo sobre um fundo de pequenas estrelas.

Uma de suas preocupações antes de se casar tinha sido mostrar os seus braços a Alberto, estes bracinhos delgados de menina que cresceu rápido demais. Que sorte, pensou, que ele nem mesmo os viu!

Apertou o corpete, novinho em folha, bordado com fio de seda branca; amarrou nos quadris um amor de saia cheia de babados bordados por cima de um forro de flanela cor de rosa, uma saia perigosa, segundo sua mãe. Por quê? Vestiu as meias, as botinhas, o vestido. Estava pronta.

Voltou a olhar para Alberto e, novamente, foi invadida pela comoção; uma estranha comoção feita de desejo e de pesar, de ternura excessiva e de um calafrio de medo.

— Oh! Alberto — murmurou com as mãos juntas — e se eu me enganei, se não puder te compreender...

A seriedade de sua educação e de seu temperamento surgia rigorosa, trazendo à tona o fantasma do dever. Os embaraços da imaginação deviam desaparecer diante da tarefa austera da vida; de agora em diante, ela estava assumindo uma missão sagrada, tinha nas mãos a felicidade e a honra daquele homem, devia-lhe todo o afeto, toda a obediência, todos os sacrifícios. Estava casada; pertencia-lhe.

Como queria poder fazer algo grandioso, heróico, para mostrar a força de seu amor! Estava disposta a fugir do mundo, sepultar-se viva em um deserto,

renunciar a tudo, se fosse com o amor de Alberto, daquele belo jovem que ela queria amar, desesperadamente, a quem ela pedia, ainda com uma assustadora apreensão, uma sentença quanto à sua felicidade.

Muda ao lado da cama, ela fantasiava, imaginando arrebatamentos desconhecidos, êxtases distantes, indefinidas, temendo de acordar Alberto, mas observando-o furtivamente. Ele tinha feições harmônicas, o perfil nobre e puro, uma covinha no queixo, a barba macia e espessa, à nazarena. Os cabelos vaporosos, com a pressão do travesseiro, adquiriam centenas de formas, desenhando cachos de criança, circundando caprichosamente a orelha que tinha uma delicadeza feminina.

Mas e ele, em que estaria pensando? Quais visões lhe atravessavam o sono? Dormira sempre assim, de lado, com um braço sob a cabeça e o outro estendido? Tão rosado, tão calmo? O que encerrava a esfinge daquele belo rosto e quando ela poderia, penetrando-lhe na alma, chamá-lo verdadeiramente seu?

Como ela gostaria de esquarterar a sua mente e o seu coração diante dele, para mostrar que ele estava dentro dela, por uma irresistível necessidade de fusão, que a aproximação material tinha instigado sem satisfazê-la. Não, não poderia ser sempre assim, somente assim! Marta sentia como se ela tivesse ainda os olhos vendados, as mãos atadas; continuava andando às cegas, ainda não possuía o amor, não tinha ainda alcançado a verdade.

Um movimento de Alberto a sacudiu, e, com um senso natural de pudor, ela não quis que ele a visse observando-o. Andou em direção à janela pela qual penetrava o alegre sol de março, ergueu as cortinas que cobriam as vidraças e deu uma olhada para a rua, a desconhecida rua daquela cidade. Era uma viela que desembocava diretamente no porto, àquela hora, cheio de carretas, carregadores, vendedores de peixe, todos vociferando em um dialeto que Marta não entendia. Deu uma olhada para as janelas defronte, baixas, desprovidas de venezianas, todas munidas de varais, sobre os quais as roupas esvoaçavam, secando.

Esse aspecto da cidade, tão diferente da sua cidade de origem, despertou seu interesse sem lhe agradar. Ela levantou os olhos e, por meio de uma sucessão, cinza e melancólica, de telhados de ardósia, ao longe, no esplendor da manhã, vislumbrou a linha azul do mar, grandioso e fantástico na sua calma, com algo de sonhado, de imaterial, de eterno.

Números e sonhos¹

Bruno Sperani

Tradução: Ânia Dóris Reis Bourscheid Del Pino²

(...) A modelo, doente, desejava vê-lo.

Por um momento ele vacilou, mas a imagem da bela jovem, que o estava esperando, brilhou de repente como uma nova luz na fantasia do pintor e venceu toda hesitação.

Marietta morava numa casa pobre na rua Porta Garibaldi, com a mãe e um irmão, o rapaz que tinha levado o recado para Superti.

A mãe era uma daquelas mulheres envelhecidas antes da hora, tão frequentes nas classes pobres. Podia ter qualquer idade entre quarenta e sessenta anos.

Viúva há muito tempo — talvez nunca tivesse sido casada — ela ganhava a vida trabalhando como *lavandaia di colore*³, como as chamam em Milão. Deixava Marietta completamente livre, feliz por ela trazer um pouco de dinheiro para casa, mas não a explorava.

Os dois pequenos cômodos que compunham a habitação pareciam relativamente decorosos. O primeiro era uma grande cozinha, ao fundo da qual, atrás de um biombo, se avistavam duas camas: a da mãe e a da criança. O quarto era todo de Marietta.

Adriano foi levado até lá e deixado a sós com ela, que estava na cama. Ela recebeu o jovem com um daqueles seus sorrisos alegres, estendendo-lhe a mão

1 SPERANI, Bruno. *Numeri e Sogni*, Milano: Galli, 1887. O trecho foi extraído de MORANDINI, Giuliana. Op.cit. p. 147-155.

2 Graduanda em Letras – Licenciatura Português-Italiano, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

3 N.d.T: *Lavandaia di colore* – Lavadeira de cor: num regionalismo milanês, seria uma lavadeira pouco hábil, a quem não se confiava os tecidos brancos para lavar, com medo de que ela os estragasse.

magra. Suas bochechas vermelhas acusavam febre, os grandes olhos, bem abertos pareciam ainda maiores e radiantes que o normal.

Adriano não pôde conter-se de dar um beijo na sua testa. Ela se rendeu afetuosamente aos seus lábios, depois, com um gesto, convidou-o a se sentar ali, ao lado da cama.

— Tenho estado muito doente — disse — tão doente que achei que fosse morrer. Decerto, vou morrer logo!

Adriano protestou vivamente:

— Tens os olhos demasiadamente vivos! Não é possível!

E procurava fazê-la rir.

Mas ela sacudia a cabeça. Sempre tinha pensado em morrer jovem e agora, depois dessa última doença, tinha certeza de que seria assim. Por isso, quis revê-lo, tanto que se sentia melhor. Ela tinha a impressão de que devia desculpar-se com ele por algum motivo: talvez o tivesse ofendido sem perceber; também naquele baile de sexta-feira, depois daquele jantar, tinha-o deixado mal...

Ele a interrompeu: não podia escutá-la dizer esse tipo de coisas. Não teria vindo se tivesse imaginado que era aquilo que ela queria lhe dizer. Achava que ela precisava de algo e teria ficado feliz em ajudá-la. Por isso, pedia-lhe fervorosamente que fosse sincera: a doença devia ter custado muito para ela... Ele tinha mesmo a intenção de fazer um grande quadro com ela, poderia então lhe adiantar um pouco de dinheiro. Era bom para ele: assim ficaria mais tempo com ela.

No entanto, a pobre modelo recusava teimosamente. Não precisava de nada.

Ela mostrava seu quarto, que era bastante arrumadinho. Naquele ano tinha trabalhado muito: tinha-se cansado um pouco, mas tinha economizado dinheiro. Os pintores eram generosos com ela, era muito requisitada e alguns davam-lhe até mesmo duas libras por hora. Se chegasse a se recuperar, iria querer, absolutamente, posar para Adriano... mas não queria dinheiro adiantado.

Era muito graciosa na sua eloquência. Adriano entendia bem que era uma pessoa sem maldade, de alma instintivamente nobre. O seu coração enchia-se de amargura, pensando no destino de uma criatura tão gentil.

Pouco a pouco a conversa tomou um caráter mais confidencial. Ele havia aproximado sua cadeira e olhava a enferma no rosto, muito perto, apertando-lhe uma das mãos. E, de tanto em tanto, os dois belos rostos jovens tocavam-se, quase involuntariamente, os cachos negros desordenados e as mechas macias, onduladas, confundiam-se; as duas bocas ardentes beijavam-se. Mas não era a paixão que incendiava os lábios de Marietta, mas sim a febre. Adriano entendia que ela entregava-se às suas carícias como uma menina, não como uma mulher.

Movido por um interesse natural, ele a interrogava sobre seu passado, sobre as primeiras impressões da juventude, como começara a trabalhar como modelo, como amara pela primeira vez.

E ela confessava-se candidamente.

Do seu pai, ela não se lembrava. Tinha visto sua mãe quase sempre do mesmo jeito. Lembrava-se do seu irmão bem pequenino.

Sorrindo, ela dizia que tinha passado muito frio na sua infância e um pouco de fome também.

Aos dez anos, sua mãe a havia mandado trabalhar numa grande confecção de roupas teatrais. Ali conheceu muitas garotas, entre elas, certa Rosina, três anos mais velha que ela, uma moça bela e astuta, que se ausentava frequentemente do serviço para ir posar nos estúdios.

Rosina falava muito dos artistas que ela frequentava, dos quadros que ela fazia e, sobretudo, do dinheiro que ganhava, quase sem esforço. Um dia ela convidou a menina para acompanhá-la, e esta, já morta de curiosidade, ficou eufórica.

Agora ela não se recordava mais do nome do primeiro pintor para o qual havia posado; mas lembrava bem que, logo, muitos a haviam procurado, e não lhe tinha sobrado mais tempo para ir trabalhar na confecção.

— E tua mãe? Não fez nenhuma oposição?

— A mãe reclamava, mas depois ficou contente: não se passava mais fome e, no inverno, tinha-se um pouco de lenha para se aquecer. Eu era feliz naqueles anos — suspirou a enferma, após uma breve pausa — todos os artistas gostavam de mim, e eu gostava deles. Não sabia nada de nada; não tinha malícia. Ouvia falar de amantes e de esposas, e imaginava que ter um amante fosse um jogo, uma diversão para as garotas mais velhas.

Ela ainda suspirou, e o perene sorriso de seus lábios desapareceu durante alguns instantes:

— Um dia, minha mãe me falou de um benfeitor e de uma dama caridosa, que queriam me proteger dos perigos do mundo e me fazer feliz. — Que perigos? — perguntei.

— Minha mãe não me disse nada, e, alguns dias depois, fui apresentada àquelas duas pessoas. Ela parecia mais velha, mas dele, me lembro muito bem, ele ainda tinha todos os cabelos pretos, um quê de grande senhor, uma imponência que me intimidava. Ele percebeu isso e procurou me tranquilizar. Ele falava com bondade, dizendo muitas coisas que eu não entendia, mas ele as dizia com uma voz tão harmoniosa e doce, que era um prazer escutá-lo.

— Pouco a pouco, o benfeitor — sempre o chamávamos assim — passou a ser de casa. Demonstrava um grande interesse por mim. Mandou-me fazer a comunhão na casa de um velho padre que me ensinou mal-e-mal a escrever. Eu tinha abandonado os estúdios dos jovens pintores: posava apenas, às vezes, para alguns velhos, quase sempre como anjo ou virgem mártir. O resto do tempo, ficava em casa trabalhando. A velha caridosa não voltou mais. Ao contrário, uma vez, eu fui à casa do benfeitor para apanhar trabalhos para fazer e lá vi sua mulher: uma bela senhora. Além do mais, para nossas maiores necessidades, eles haviam nos dado um subsídio, que minha mãe ia receber todos os meses na Congregação. Essa vida me entediava.

Adriano escutava esses fatos com uma surda inquietação e com um mau sentimento. Quando Marietta parou de falar, ele pediu-lhe que continuasse. Mas ela tinha de tomar um pó a cada duas horas e acabava de escutar soar nove horas.

Com as mãos inquietas, Adriano colocou o pó sobre a óstia.⁴

A enferma agradeceu com um beijo.

— Estes pós me fazem bem — disse ela — talvez ainda fique boa.

— Certamente! — exclamou Adriano, assustado com essa dúvida.

Ela ficou pensativa por um momento, depois retomou a história.

Já morávamos nesta casa. Eu já tinha feito quatorze anos, mas ainda era uma menina... Era comprida, esguia... Mas menos magra que hoje! Agora estou mesmo destruída. — E olhava seus braços magros e suas mãos afinadas.

— Um dia, eu estava sozinha, aqui neste quarto; era doze de novembro, nunca me esqueci da data! A porta de casa estava fechada com a tranca. De repente, foi aberta e uma pessoa entrou. Corri até a cozinha, pensando que fosse a mãe. Mas não... era ele... o benfeitor!... o recebi com o respeito de sempre. Disse-lhe que estava sozinha, e o fiz entrar aqui. No início, falamos de coisas banais. Ele quis saber se eu estava bem de saúde e o que havia feito nos últimos quinze dias; se eu tinha ido tomar a comunhão para a festa de Todos os Santos. Depois começou a me observar mais atentamente: disse que eu estava crescendo, que estava ficando bonita... que logo teria um namorado... eu ria como sempre fazia. Ele estava inquieto. A um certo ponto, pegou o chapéu como se fosse embora, deu duas ou três voltas pelo quarto, enxugou a sua testa. Eu ficava andando ao redor dele, quase pulando, sem entender nada. De repente, ele me olhou de um modo estranho. Me agarrou pela cintura, me levantou, me cobriu de beijos, me jogou nesta cama...

— Ah!... — gritou Adriano, fazendo um gesto violento.

— E tu não fizeste nada, maldita estúpida!... — acrescentou ele depois de alguns instantes, olhando-a duramente.

Marietta encolheu os ombros.

— Sim, procurei me desvincular, gritei. Mas estava me sufocando. Fui pega por um enorme cansaço, perdi minhas forças. Lembro que tremia como uma folha e quase desmaiei.

— Velhaco! — murmurou Adriano, trincando os dentes.

Nenhum dos dois falou mais.

O jovem voltou a falar com voz imperiosa:

— O nome dele! Quero saber o nome dele!

Estava em pé e se preparava para sair, como se quisesse se vingar.

Marietta o impediu, rindo.

E agora, onde é que ele queria ir? Seis anos haviam-se passado! Ela tinha feito sua

4 N.d.T.: Prática antiga de colocar certos remédios em pó sobre um pequeno disco feito com farinha (parecido com uma óstia), para a deglutição pelo doente.

vida como as outras. Essas coisas estavam tão distantes, não importavam mais...

Entretanto, Adriano insistia em saber o nome daquele homem.

Ela não quis dizer. Não valia a pena. Era um homem estimado por todos; os jornais falavam nele frequentemente como um ótimo cidadão. Ele, realmente, fazia o bem. Protegia muitos artistas, comprava quadros e estátuas e conseguia encomendas para os jovens talentos sem recursos. E, além do mais, era casado!

Ela já não tinha dito?... Mulher e filhos. E aquela senhora parecia ser boa, inocente. Por nada neste mundo gostaria de lhe dar um desprazer tão grande! Agora então, depois de seis anos, seria uma estupidez...

— De resto — acrescentou, depois de uma breve pausa — o que contei aconteceu em novembro e, em fevereiro, conheci o pintor Benelli, que foi meu primeiro e único amor.

Adriano ficou abalado por aquelas palavras, experimentou uma sensação de gelo por todo o corpo, e procurou pensar em outra coisa.

O ciúme o consumia. Quis saber como tinha nascido aquele amor e quanto tempo tinha durado.

— Durou pouco! — disse a modelo com um suspiro.

— Isso que, no início, o achava antipático... — murmurou abaixando a voz. Mas por tanto vê-lo, comecei a gostar dele, depois, não sei como, me apaixonei como uma louca. Quando o encontrava, tremia, ficava vermelha, não conseguia falar. Quando percebi que ele me queria, achei que morreria de vergonha... Fiquei meses e meses sem querer ir ao estúdio dele... Eu tinha uma amiga, Rosina, que morava no bairro dele. Eu ia até a casa dela, e ficava na janela, escondida atrás da persiana, para vê-lo passar!... Parecia que eu poderia sacrificar minha vida para dar um beijo nele; e ao mesmo tempo, que preferia morrer a me entregar a ele, pensando naquilo que tinha acontecido!... Finalmente, um dia ele me viu e me mandou ir ao seu estúdio. Disse que gostava de mim. Eu não conseguia falar. Chorava. Estava feliz.

— Ainda o amas? — perguntou Adriano lívido.

— Não — respondeu simplesmente Marietta — não o amo mais. Tive uma última prova disso no carnaval, quando nos encontramos num jantar, na casa dos Vivarini. Ficamos a sós por um momento e ele me disse para ir procurá-lo. Mas eu não fui. Senti que não o amava mais.

— Então, não me diz que foi amor: foi capricho!

Ela baixou a cabeça.

— Não foi capricho. Em seis anos, vivendo no meio de tantos jovens, não amei ninguém, só ele.

— Por que parou de amá-lo, então?

Ela não respondeu.

— É um segredo que não me pertence — murmurou finalmente.

Adriano encolheu os ombros com desprezo. Quase lhe disse um desaforo. Estava muito agitado. Levantou-se para ir embora. Faltou-lhe coragem. Voltou para perto dela e sussurrou:

— Diz a verdade: ainda o amas.

— Não — respondeu a enferma pela segunda vez, e com um visível esforço acrescentou — depois de alguns anos percebi que ele tinha uma relação, anterior, e que não podia deixá-la. Sofri muito. Depois, não sofri nem amei mais.

— Me ama, então, ama a mim! — exclamou Adriano com paixão.

Ela não respondeu logo.

— Não posso mais amar. Não sinto nenhum desejo de amor. Só sinto simpatias, assim como irmãos e irmãs.

Disse que, se ela pudesse amar outro homem, seria ele, mas não podia. Às vezes ela ria, pensando que, vendo-a assim, sempre em meio aos artistas, sempre na gandaia, fazendo confusão, as pessoas deviam achar que ela tivesse muitos amantes. Quem sabe o que ele, Adriano, devia ter pensado!... Mas nada disso era verdade! Ela podia jurar que só tivera aquele único amante. E agora, mesmo amando, ela não ficaria com mais ninguém, até porque, iria morrer logo: não valia a pena começar e ser obrigada a parar um pouco depois.

E riu como ela costumava fazer, olhando Adriano com os grandes olhos abertos: foi uma risada infantil e ferina, que o jovem sentiu no fundo do coração como um doloroso pranto.

Ele sentia muita pena de Marietta, mas esse sentimento falava baixinho dentro dele, enquanto a paixão o atormentava.

Agora percebia que sempre a tinha desejado e talvez amado também.

O ciúme que sentia naquele momento, pensando no homem que tinha tido o amor dela, o mesmo amor que ele não havia conseguido merecer, inflamava o antigo desejo e o exaltava até o delírio.

— Me ama, Marietta querida, me ama! — dizia ofegante. — Seja minha! Eu te amo, sou todo teu! Quero o teu amor, quero os teus beijos!...

E a apertava furiosamente.

Ela esquivava-se com doçura, sempre sorrindo: parecia-lhe impossível que lhe fizesse realmente mal, ele que fora sempre tão bom! E, justo agora, que ela estava doente. E rindo, mostrava a ele os seus braços consumidos.

O jovem não lhe dava atenção. Uma onda perversa o arrastava. Tinha medo que ela quisesse permanecer fiel ao outro, que o antigo amor a impedisse de aceitar o novo.

E a fatuidade masculina e o amor-próprio, que deterioram tudo, pervertiam o seu carinho.

Até porque, Marietta, porquanto consumida pela doença, continuava espalhando um fascínio irresistível, e na sua face, naquele momento, havia uma beleza quase sobrenatural.

E esse fascínio subjugou tão fortemente Adriano que, por um instante, quase perdeu a razão. Esqueceu tudo.

— Vou ser sempre teu — dizia, abraçando-a — me ligo a ti por toda a vida. Não me importa mais nada, contanto que sejas minha!

As frágeis forças da enferma haviam se esgotado. Ela parou de se defender.

O seu corpo se enrijeceu: seus grandes olhos abertos, imóveis, fixaram-se nos olhos dele, com uma expressão de aflita reprovação.

Sob aquele olhar, a exaltação de Adriano dissipou-se.

Ficou perplexo, seus braços amoleceram; depois se afastou um pouco.

Tinha nos olhos a visão da cena acontecida naquele mesmo quarto, seis anos antes.

Provavelmente tinha sido assim, com aquela rigidez mortal, com aquela expressão angustiada de vítima, que ela devia ter cedido à violência daquele bruto.

Só que agora, *aquele bruto*, era ele, Adriano Superti.

Quão baixo havia caído!

Ficava pensativo, cabisbaixo, como um réu confesso.

— Adeus, Marietta, — disse finalmente reagindo — Perdoe-me!

Era a primeira vez que ele não a tratava por tu.

Ela teve uma inspiração afável.

Pegou na mão dele, puxou-o para perto dela, e pousou os lábios sobre sua mão, que apertando-a.

Ele recebeu aquele beijo como se fosse um sonho e, no mesmo instante, sentiu duas lágrimas quentes escorrerem no seu pulso.

Então, seu coração transbordou. As lágrimas que ele estava reprimindo, brotaram.

Choravam juntos, como duas crianças infelizes, oprimidas, esmagadas pelo peso da vida, desse mal desconhecido e incurável, que faz penar os mais indolentes e inconscientes, que enfraquece os mais fortes.

Finalmente, separaram-se.

No último adeus, ela disse-lhe:

— Vai!... Te lembra sempre de mim!

E caiu novamente, exausta, sobre os travesseiros.

Adriano saiu daquela casa com o coração apertado, com a mente disposta a pensamentos melancólicos.

Pouco a pouco, percorrendo sem rumo as ruas quase desertas, involuntariamente, foi levado a refletir, sobre o destino daquelas pobres mulheres que brilham por um momento na vida ardente das grandes cidades; depois, de repente, desaparecem, como se o chão as tivesse engolido.

E pela primeira vez na sua vida, o jovem pintor sentiu-se tomado por ímpetos de rebelião, fora do campo artístico, contra alguma coisa de mais feroz, que não fossem as teorias estéticas, inapeláveis, da velha escola acadêmica.



SABi



UFRGS 06823777

UFRGS

Biblioteca Setorial de Ciências Sociais e Humanidades



núcleo de
editoração
eletrônica
instituto de letras-ufrgs

Impresso na Gráfica da UFRGS

